

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

WALMY PEREIRA DA SILVA JUNIOR

**O IMAGINÁRIO SOCIAL DOS ATLETAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA
MASCULINA: UM ESTUDO A PARTIR DAS QUESTÕES DE GÊNERO.**

VITÓRIA
2016

WALMY PEREIRA DA SILVA JUNIOR

**O IMAGINÁRIO SOCIAL DOS ATLETAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA
MASCULINA: UM ESTUDO A PARTIR DAS QUESTÕES DE GÊNERO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Profa. Dra. Talita Cristina Garcia.

VITÓRIA
2016

WALMY PEREIRA DA SILVA JUNIOR

**O IMAGINÁRIO SOCIAL DOS ATLETAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA
MASCULINA: UM ESTUDO A PARTIR DAS QUESTÕES DE GÊNERO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Profa. Dra. Talita Cristina Garcia - Orientadora

Prof. Danúbia Aires. Faculdade Católica Salesiana de Vitória

Prof. Ms. Leonardo Miglinas, Faculdade Católica Salesiana de Vitória

Dedico essa pesquisa a todos os atletas de Ginástica Artística Masculina que já
sofreram preconceito.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais à minha família que me apoiou durante toda a minha graduação.

À minha orientadora Talita Cristina Garcia que me acolheu e aceitou o desafio de me ajudar a cumprir essa importante tarefa da minha jornada acadêmica.

Aos meus amigos que ajudaram direta ou indiretamente: Luiz Gustavo Teixeira, Sebastyan Ygor, Joel Alexandre, Amanda Paterlini, Lucas Pissinatti, Mariana Rodrigues Nunes, Giulia Fabri, Mariana Ferri, Mateus Dutra.

Às pessoas que influenciaram na possibilidade de realização e sucesso dessa pesquisa: Marcelo Rodrigues, Henrique Medina.

Às minhas parceiras de trabalho, que seguraram as pontas sempre que necessário Andreza Quintela Reis, Liliane Yamate. Ao Brutus e Claudia Júdice por acreditarem em mim e confiarem no meu trabalho.

À todos os professores que fizeram parte de toda minha jornada acadêmica, e contribuíram para eu me tornar esse profissional.

E também aos meus colegas de turma, em especial: Lucas Nunes, Darlene Fabri e Sandy por todo o apoio durante o curso.

RESUMO

A ginástica é um esporte que surgiu tradicionalmente como uma modalidade masculina e só depois foi inserido para as mulheres. Entretanto, no Brasil, essa é uma modalidade que acabou se tornando mais difundida para as meninas. Existem pouquíssimos estudos que abordam a questão do imaginário social dos atletas da GAM, então é importante que apareçam mais pesquisas relacionadas a isso. Apesar da quantidade de novos praticantes ter aumentado significativamente nos últimos anos, isso não corresponde ao número de estudos e pesquisas que abordam a modalidade, mostrando então um claro desinteresse da produção universitária. Com isso, o objetivo da pesquisa foi compreender e analisar, a partir da visão dos atletas de alto rendimento, como são vistos perante a sociedade, refletindo diretamente na forma como lidam com sua prática esportiva. Para a coleta de dados foi utilizado o método qualitativo de pesquisa, e os instrumentos utilizados foram um questionário misto e um grupo focal. Os dados obtidos na pesquisa foram essenciais para compreender um pouco do cenário nacional da ginástica e a diferença entre o número de participantes do sexo masculino e feminino, a partir do que está no senso comum, mostrando qual a representatividade social desses atletas e o que vivenciaram durante o início da carreira até os dias atuais, demonstrando que os próprios atletas tem uma visão de certa forma preconceituosa, além de serem vistos pela sociedade a partir da visão da modalidade feminina da ginástica.

Palavras-chave: Ginástica Artística Masculina. Gênero. Imaginário Social. Representação Social.

ABSTRACT

Gymnastics is a sport that traditionally has emerged as a male sport and then was inserted for women. However, in Brazil, this is a modality which became more widespread for women. There are very few studies that address the issue of the social imaginary of the GAM athletes, so it is important to appear more studies related to it. Despite the number of new practitioners have increased significantly in recent years, it does not match the number of studies and researches on the sport, then showing a clear lack of interest of the university production. From this, the objective of the research was to understand and analyze, from view the high-performance athletes, as seen in society, reflecting directly in the way they deal with their sports. For data collection was used the qualitative research method, and the instruments used were a mixed questionnaire and a focus group. The data obtained in the research were essential to understand some of the national gymnastics scene and the difference between the number of participants male and female, from what is common sense, showing which social representation of these athletes and what they experienced during the beginning of his career to the present day, demonstrating that the athletes themselves have a vision in a biased way , and are seen by society from the perspective of women's sport gym .

Keywords: Mens Artistic Gymnastics. Gender. Social Imagination. Social Representation .

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Comparativo entre número de Participantes em Torneios Nacionais.	42
Gráfico 02 – Comparativo entre número de Participantes em Campeonatos Brasileiros.....	44
Gráfico 03 – Porque você acha que no Brasil tem mais praticantes de GAF que de GAM?	52
Gráfico 04 – Já sofreu preconceito por ser atleta de GAM?.....	54
Gráfico 05 – Considerando que exista preconceito, o que se encaixa melhor no seu ponto de vista?	56
Gráfico 06 – Conhece algum ginasta que já sofreu preconceito?	57
Gráfico 07 – Quando você diz ser atleta de GAM, qual associação é mais comum? ...	59
Gráfico 08 – Já acharam que você competia série de solo com música?	60
Gráfico 09 – Já perguntaram se você fazia trave?	61
Gráfico 10 – A ginástica Artística, uma modalidade que surgiu tipicamente masculina, com o passar dos anos se tornou um desporto mais difundido (pela sociedade) para o público feminino.....	64
Gráfico 11 – O destaque que a mídia dá para a GAF é consideravelmente maior que para a GAM.....	65
Gráfico 12 – Uma visão mais difundida da sociedade pelas provas femininas da ginástica afeta a forma como as pessoas julgam ser a GAM.....	66
Gráfico 13 – Hoje, no Brasil, existe um número maior de participantes mulheres do que de homens. Diversos aspectos podem ter influenciado isso, seja pela supremacia do futebol, seja pela visão preconceituosa com o homem ginasta.	68
Gráfico 14 – No Brasil, a ginástica foi e ainda é um esporte praticado predominantemente pelas mulheres, por ser uma modalidade que enaltece a beleza dos movimentos.	69

LISTA DE SIGLAS

CBG – Confederação Brasileira de Ginástica

COI – Comitê Olímpico Internacional

FIG – Federação Internacional de Ginástica

GAF – Ginástica Artística Feminina

GAM – Ginástica Artística Masculina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1 HISTÓRIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA: A EVOLUÇÃO E O SURGIMENTO DA GINÁSTICA MODERNA.....	23
2.2 A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS ACERCA DA REPRESENTATIVIDADE SOCIAL	26
2.3 ESTUDOS SOBRE GÊNERO NO ESPORTE E NA GA	35
2.4 COMPARATIVO ENTRE O NÚMERO DE PARTICIPANTES DO SEXO MASCULINO E FEMININO EM TORNEIOS NACIONAIS E CAMPEONATOS BRASILEIROS	42
3 METODOLOGIA	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS	81
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL	86
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O CLUBE.....	89

1 INTRODUÇÃO

O esporte ocupa lugar de grande destaque na área da Educação Física, sendo uma das principais manifestações culturais de crianças e adolescentes com o seu corpo. Segundo Betti (1998), o esporte dificilmente teria alcançado a importância que tem atualmente se não fosse a mídia, mais precisamente a televisão, difundindo e associando as modalidades esportivas à telespetáculos (espetáculos televisivos).

Sendo o esporte um dos maiores destaques na área, temos mais precisamente diversas modalidades esportivas. Dentre elas, existem as mais variadas ginásticas, sendo alguma delas: Ginástica de Trampolim, Ginástica Acrobática, Ginástica Rítmica, Ginástica Geral dentre outras. Particularmente, para esta pesquisa, o tema foi inspirado na minha própria experiência com uma modalidade específica, a Ginástica Artística Masculina. Durante os 8 anos em que treinei e competi, uma coisa sempre esteve presente no meu dia-a-dia: lidar com o preconceito. Hoje, técnico de Ginástica Artística Feminina (GAF) e árbitro nacional com experiência em Campeonatos Estaduais e Brasileiros, duas Copas do Mundo de Ginástica e Evento Teste dos Jogos Olímpicos. Desde cedo os meninos praticantes de Ginástica Artística Masculina (GAM) aprendem a lidar e conviver com piadas de mau gosto e com a falta de praticantes aqui no estado. Isso fez com que questionamentos surgissem: qual seria o problema de meninos fazerem Ginástica, qual o motivo de tudo isso?

Este trabalho tem a intenção de aprofundar os estudos sobre a Ginástica Artística (GA), antigamente denominada de Ginástica Olímpica. A GA é uma união de exercícios corporais sistematizados, aplicados com fins competitivos, que unem a força, agilidade, flexibilidade e a elasticidade. (RIBEIRO; OLIVA, 2008).

Publio (2008) afirma que Friedrich Ludwig Jahn foi o grande precursor da Ginástica Olímpica e é considerado o pai da ginástica quando ela surgiu na Alemanha, em 1806. No Brasil teve seu início com a colonização alemã no Rio Grande do Sul, em 1824.

Uma modalidade que surgiu originalmente como masculina, com o passar dos anos se tornou uma modalidade mais difundida para o público do gênero feminino, e com isso, tornou crescente o preconceito com os meninos que praticam essa

modalidade, que é considerada oficialmente pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), como uma prática tanto masculina quanto feminina.

Essa visão tornou-se mais difundida pelas provas femininas (que conservam um modelo estético europeu, inspirado no balé e na dança, com movimentos leves e graciosos), acarretando então, um problema para os meninos que desejam praticar uma modalidade como a ginástica, que, apesar de terem as provas diferenciadas, tanto no aspecto das exigências quanto na diferenciação dos aparelhos, são diariamente confundidos com a modalidade feminina da ginástica.

Tentando entender essa visão do homem dançarino, de acordo com Mendes (1985), citado por Lara (1988), isso se deve, provavelmente pelo romantismo, que valorizava a mulher, considerando a leveza e a graciosidade conferida à dança feminina como atributos que confirmavam o caráter também feminino da dança. Mas o que define algo como masculino ou feminino?

De acordo com Goellner (2010), o gênero é algo construído socialmente e culturalmente por diversos processos que, juntos, vão marcando o corpo como algo que o identifica como masculino ou feminino, e então, dessa forma, o que pensamos ser masculino ou feminino não existe naturalmente, sendo então constantemente modificado. Ou seja, com o passar dos anos isso se transforma e aos poucos também é transformado pela sociedade, pois é algo mutável. Logo, pode-se dizer que as masculinidades e feminilidades são vivenciadas de diferentes maneiras, sem formas exatas de assim ser e/ou parecer. Esses, dentre outros fatores, podem estar contribuindo para uma diminuição na quantidade de praticantes de Ginástica Artística Masculina no Brasil, isso porque durante muitos anos, a ginástica foi (e ainda é) um esporte praticado predominantemente pelas mulheres, por ser uma modalidade que enaltece a beleza dos movimentos, valorizando os movimentos do corpo e a forma como se apresentam. Assim sendo, no presente estudo, busca-se compreender e analisar a visão dos atletas de GAM sobre sua própria imagem social, isso por ser algo que, inevitavelmente, reflete diretamente no modo como lidam com a sua prática esportiva.

Nota-se que no Espírito Santo não existe um centro ou clube que oportunize GAM de alto rendimento, então para a realização desta pesquisa, foi necessário buscar em outro estado um clube que oferecesse ginástica Artística Masculina de alto nível

para que fosse possível captar dados para entender mais profundamente essa questão. Além disso, diante das observações nas competições, em relação à quantidade de participantes masculinos, faz-se importante realizar esse estudo a fim de entender, na visão dos atletas, o que está presente no imaginário social para com a prática, compreendendo o reflexo que isso tem para eles e então ampliar os conhecimentos da GAM, que tem particularidades bem distintas em relação à GAF. Existem pouquíssimos estudos que abordam a questão do imaginário social dos atletas da GAM, então é necessário que apareçam mais pesquisas relacionadas a isso para refletir sobre a atual realidade.

De acordo com Sawasato (2008), existe uma lacuna enorme na literatura sobre essa modalidade esportiva. Acredita-se então, que tenha sido uma iniciativa importante falar sobre a modalidade até mesmo para profissionais da área repensarem sua visão e comecem a mudar a realidade de uma modalidade que, segundo Nunomura e Nista-Piccolo (2008) é possível observar um crescimento muito grande de pessoas que, de alguma forma, tiveram acesso a GA, seja assistindo na televisão ou estando próximo de algum evento, conseqüentemente aumentando a quantidade de clubes e entidades que ofertam escolinhas. No entanto, a quantidade de novos praticantes não corresponde ao número de estudos e pesquisas que abordam a modalidade, mostrando então um claro desinteresse da produção universitária com o trabalho que é desenvolvido nos clubes, escolas, federações e confederações, dificultando para os profissionais encontrar cursos de especializações ou aprimoramentos que envolvam a GA.

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi compreender e analisar a visão dos atletas de ginástica artística masculina sobre a sua imagem social. Isto é, qual a representatividade da sua prática esportiva, a percepção que eles têm da sociedade sobre eles, analisando como os sujeitos conheceram a GAM e começaram a praticar, identificando a presença do sexo masculino na GA competitiva no Brasil. Além disso, investigar se houve preconceito e como lidaram com isso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HISTÓRIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA: A EVOLUÇÃO E O SURGIMENTO DA GINÁSTICA MODERNA

De acordo com Paoliello ([20--]), Ginástica é uma palavra que vem do grego *Gymnastiké*, que tem como significado “Arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade. O conjunto de exercícios corporais sistematizados, para este fim, realizados no solo ou com auxílio de aparelhos e aplicados com objetivos educativos, competitivos, terapêuticos, etc.”. A organização mais conceituada, antiga e de maior alcance internacional nas modalidades Ginásticas é a Federação Internacional de Ginástica (FIG), que está subordinada ao Comitê Olímpico Internacional (COI), sendo, então, responsável por todas as modalidades da ginástica que fazem parte dos Jogos Olímpicos. Assim sendo, é então a Federação com mais poder, impacto e influência na Ginástica mundial.

Segundo Del Viana ([20--]), foi na Grécia que a ginástica começou a se destacar socialmente, se tornando uma atividade de essencial importância no desenvolvimento dos indivíduos. Os exercícios físicos eram usados em competições entre os gregos, entretanto, foi uma prática que perdeu força com o domínio dos romanos, que apreciavam mais espetáculos entre homens e feras. Houve um desinteresse muito grande pela ginástica como competição na idade média e então, no início do século XVIII ressurgiu na Europa em eventos esportivos. Inúmeros pedagogos contribuíram para a inserção e evolução da ginástica na Educação Física com diversas publicações em várias áreas, por exemplo, pedagogia, técnica e fisiologia, sendo então a partir daí que surgiu um enorme movimento para que houvesse a sistematização da Ginástica. Foram então criadas algumas das escolas ginásticas, a escola alemã que tem como característica movimentos rítmicos e lentos, e a sueca que usavam aparelhos. Essas escolas foram grandes influenciadoras da evolução da Ginástica. Um estudo feito no Centro de Ensino Superior do Amapá (CEAP) aponta que:

Segundo Langlade e Langlade (1970), até 1800 as formas comuns de exercício físico eram os jogos populares, as danças folclóricas e regionais e o atletismo. Para estes autores, a origem da atual Ginástica data do início do século XIX, quando surgiram quatro grandes escolas: A Escola Inglesa, a Escola Alemã, a Escola Sueca e a Escola Francesa, sendo a primeira

mais relacionada aos jogos, atividades atléticas e ao esporte. As demais escolas foram as responsáveis pelo surgimento dos principais métodos ginásticos, que por sua vez determinaram a partir de 1900 o início dos três grandes movimentos ginásticos na Europa (PAOLIELLO, [20--]).

Então a ginástica não era um exercício físico tão comum até 1800, tendo seu início no século XIX quando surgiram as escolas: francesa, sueca, alemã e inglesa, surgindo então métodos ginásticos que deram início aos três grandes movimentos ginásticos na Europa. De acordo com Soares (1994), a partir de então, a Ginástica passou a ter importantes funções na sociedade industrial, pois se apresentou como uma modalidade que teria a capacidade de corrigir vícios posturais que eram consequências de atitudes adotadas na sua vida no trabalho, demonstrando então uma relação de vínculo com a medicina e, assim, conquistando mais espaço na sociedade.

Feres Neto (1996) em seu artigo “A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte” começa indagando a seguinte questão: Esporte, entidade autônoma ou dependente da sociedade em que se insere? ou seja: em que medida as relações sociais foram adquirindo as características do esporte moderno? Ou então, até mesmo se o esporte foi se afastando da ideia lúdica e incorporando elementos da sociedade na qual está presente. Ele quer dizer que o esporte atende as necessidades da sociedade em que está inserido e incorpora elementos dela, podendo ser uma forma de manifestação de poder.

[...] esporte é fruto do processo de industrialização e urbanização iniciado na Inglaterra do século XVIII. Este entendimento não condiz com o senso comum, segundo o qual seu surgimento é associado com os Jogos Olímpicos da Antiga Grécia. Para BETTI (1991), a Revolução Industrial proporcionou condições para sua prática junto à aristocracia e burguesia emergente, pelo grande acúmulo de riqueza que essas classes sociais usufruíam (FERES NETO, 1996, p.1).

Em relação a isso, Feres Neto (1996) traz que Bordieu (1983) afirma que a história do esporte é relativamente independente, mesmo que esteja vinculada a grandes acontecimentos da evolução industrial e política, tendo então suas próprias leis, crises, ou seja, seu próprio tempo de evolução. No entanto, é claro que foram fundamentais na evolução de todos os esportes de maneira geral.

Cavalcanti, Katia e Bassoli, Paulo (1989) citam Reshetov (1985) para falar da forma como se concebe a esportivização, tendo grande importância na ação prática do homem, isso porque uma concepção se faz de conceitos, princípios, opiniões, convicções que acabam por determinar as atividades e atitudes de um indivíduo,

grupo ou classe social em relação aos fenômenos existentes no mundo. O esporte é um fenômeno mundial e determina muitos investimentos e características de uma sociedade, no Brasil, por exemplo, o futebol é a modalidade mais praticada e isso move política, dinheiro, investimentos, criação de clubes, e acaba por ser uma área rentável e de muito impacto na sociedade. Enquanto a ginástica, esporte que necessita de muito investimento é deixada de lado como muitas outras modalidades que sofrem para se manterem ativas.

Atualmente, a ginástica é um esporte com muito espaço na mídia, por ser um espetáculo grandioso e de muita beleza, atrai atenção de muitas pessoas e isso é transferido para os clubes e surgem novas escolinhas de ginástica.

As escolinhas de ginástica proliferam nas escolas e nos clubes, especialmente nos grandes centros. No entanto, observando rapidamente o perfil dos praticantes nestas instituições, notamos um número estrondosamente maior de alunas do que de alunos, o que acaba por se refletir no pequeno número de atletas formados, que competem em nível adulto, na categoria masculina (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2008, p.1).

Isso é algo no mínimo curioso quando pensamos no início da história da ginástica.

A Ginástica Alemã foi concebida por Frederich Ludwing Jahn (considerado o pai da GA), no início do século XIX, com a intenção de preparar os jovens para atuarem junto ao exército alemão. Buscava, pois, o desenvolvimento das capacidades físicas de seus praticantes, através de exercícios realizados em aparelhos. Portanto, inicialmente, a prática da ginástica alemã era voltada apenas para os homens, aptos a atuarem em batalha (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2008, p.6).

Uma modalidade que surgiu, inicialmente voltada só para os homens que estavam aptos a atuarem em batalha acabou por ser mais conhecida pelas mulheres que a praticam. Segundo a revista digital especializada, Livresportes, São Paulo.

É a atividade física mais antiga da história. Surgiu na pré-história e se tornou modalidade esportiva em 1881 em escolas alemãs tipicamente masculinas. Em 1896 passou a ser um esporte olímpico, em 1928 as mulheres passaram a participar dos primeiros Jogos Olímpicos e só em 1950 a ginástica passou a ser praticada nos aparelhos, da forma como as pessoas conhecem hoje. (AZZONI, 2011)

A ginástica teve sua primeira aparição nos Jogos Olímpicos, oficialmente representada, na modalidade Ginástica Artística Masculina em 1908 em Londres, e a Ginástica Artística Feminina só em 1928, Amsterdã. Ou seja, uma modalidade basicamente masculina, com o passar dos anos acabou sendo representada também pelas mulheres e, hoje, no Brasil, tem maior número de participantes mulheres do que homens. Diversos aspectos podem ter influenciado esse mapa que temos hoje no país, seja a supremacia do futebol (que faz com que todos os

meninos sonhem em ser jogadores de futebol desde crianças), seja pela visão preconceituosa com o homem na ginástica. Referente a isso, Woojun e Cunningham (2016) afirmam que existem evidências nas quais pessoas que expressam preconceitos sexuais são propensas a promover e identificar atividades e comportamentos considerados masculinos e agressivos, além de apontar um número crescente de estudos em conjunto com o contexto de esporte, no qual mostra que homens expressam mais preconceitos em cima de minorias sexuais do que as mulheres.

2.2 A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS ACERCA DA REPRESENTATIVIDADE SOCIAL

Este capítulo trará conceitos necessários para que se entenda a representação social e os conceitos que estão interligados para que se tenha o embasamento necessário para a discussão mais profunda do reflexo que a GAM pode ter no imaginário social.

O imaginário possui uma função social e aspectos políticos, pois na luta política, ideológica e de legitimação de um regime político existe o trabalho de elaboração de um imaginário por meio do qual se mobiliza afetivamente as pessoas. Nele “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado presente e futuro...O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias ...[e]...por símbolos, alegorias, rituais, mitos.” (Carvalho, 1987: 11). Assim o campo do imaginário também é um campo de luta política e pelo poder, onde se cruzam interesses de grupos sociais e ideologias. (SERBENA, 2003 , p.5)

Serbena (2003) cita Carvalho (1987) e traz o conceito de imaginário social juntamente com o de representação social e ideologia. Ele apresenta e ainda faz uma ligação entre conceitos. Quando ele fala em imaginário social, diz que possui função e aspectos que são políticos, por estar diretamente ligado na legitimação de um regime no qual as pessoas se mobilizam para definir suas identidades e objetivos, sendo expressado por ideologias.

A ideologia torna-se determinada então tanto pelos interesses dos grupos sociais a que se referem, como pela lógica específica do campo de produção do sistema simbólico no qual se encontra inserida. Assim, na análise do imaginário ou de um sistema simbólico, necessariamente deve-se levar em consideração as suas condições de produção e reprodução, isto é, os sistemas sociais no qual estão inseridos e sua função social. Não considerando isto, a análise pode assumir uma função ideológica, no mínimo, da neutralidade do intelectual e de suas produções. (BOURDIEU, 1974 apud SERBENA, 2003, p.6).

Logo, a ideologia está determinada por interesses que estão no imaginário social, referindo-se ao sistema no qual a sociedade está inserida. Dessa forma, deve-se levar em conta como isso é produzido e reproduzido para entender sua função social. O autor faz uma crítica à forma como o imaginário social é concebido, pois normalmente isso ocorre em sociedades homogêneas (com uma única e igual forma de se pensar o mundo) e não complexas como a moderna, na qual considera-se a existência de diferentes sujeitos que pensam e interagem com a sociedade de diferentes formas. “Neste sentido ela ocupa a função de orientar e dar sentido aos sujeitos na sua vida cotidiana, situando-se entre o mundo dos conceitos técnicos e científicos que dão sentido ao mundo tornando-o inteligível e às percepções realizadas que procuram refletir este mundo.” (SERBENA, 2003, p.6).

Reis e Bellini (2011) citam Moscovici (2004) trazendo que nosso ambiente, seja ele social, natural ou físico é essencialmente formado por imagens e nós, como sociedade, estamos sempre acrescentando algo e descartando outras imagens para adotar novas. Moscovici diz que seu interesse não se baseia em determinar uma teoria, mas sim, uma perspectiva para que se possa ler objetos do mundo social e também os mais diversos fenômenos sociais.

Guareschi (1996) citado por Reis e Bellini (2011) ao apresentar alguns elementos ligados ao conceito de representação social, mostra que é um conceito explicativo e dinâmico, isto é, possui uma dimensão transformadora e histórica em relação a realidade social, presentes nos meios reunindo aspectos culturais e ideológicos, se constituindo em uma realidade presente nos sujeitos e objetos. Dessa forma, representar não é algo simples, pois carrega sempre um sentido.

Dessa forma, Reis e Bellini (2011) citam Jodelet (2001) que mostra características essenciais no ato de representar, dizendo que a representação é sempre de um objeto ou de um sujeito, dando-lhe significação através de uma interpretação. Isso faz com que seja então uma forma de saber.

A representação serve para que se aja sobre o mundo e o outro, fazendo referência a experiência da qual é produzida e contextualizada. Nesse caminho dito por Jodelet, a Representação Social vai lidar com a produção dos saberes sociais a partir da análise da transformação do conhecimento social, construindo-o. Fazendo uma associação a isso, Serbena diz que “a ideologia e as representações sociais aparecem como uma das formas de funcionamento oriundas do imaginário, sendo

resultado de um processo de racionalização (...)” (SERBENA, 2003, p.9). Estando os conceitos, então, interligados e associados, um complementando e fazendo parte do outro.

Ou seja, as representações sociais tratam com o universo consensual de forma a reduzi-lo a uma imagem comum que paira sob uma sociedade. [...] as representações “corporificam ideias’ em experiências coletivas e interações em comportamento”, de forma que essa familiaridade se mantenha como tal e pareça ser naturalizada [...]. (ALMEIDA, 2013, p.5).

Reis e Bellini (2011) citam Spink (1995), que diz que as representações sociais são caracterizadas como um conhecimento prático de diferentes maneiras, inserindo-se mais especificamente entre as linhas de estudo que falam sobre o conhecimento do senso comum. “Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano” (MARTINS, 1998, p.2). Logo, o senso comum está diretamente ligado à visão que a sociedade tem das coisas, pois é a partir dele que é possível fazer análises para poder transformar a representação social dos atletas de ginástica, por exemplo.

O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. Além disso, não há possibilidade de que os participantes da interação se imponham significados, já que o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos. A significação da ação é, de certo modo, negociada por eles. Em princípio, não há um significado prévio ou, melhor dizendo, não é necessário que haja significações preestabelecidas para que a interação se dê. (MARTINS, 1998, p.3-4)

Logo, é a partir da convivência, interação e comunicação que o senso comum se desenvolve e aparece, com isso, os significados são atribuídos e representações sociais são criadas. Essa significação ocorre a partir de uma prévia concepção, que se desenvolve e se estabelece com essa interação entre sujeitos em uma relação social. Reis e Bellini (2011) citam Moscovici (2004) falando sobre duas funções da representação social:

a) Elas ‘convencionalizam’ os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as põem como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um

sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura; b) Representações são 'prescritivas', isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (MOSCOVICI, 2004 apud REIS; BELLINI, 2011, p.4).

Essas representações são, então, compartilhadas pelos sujeitos, desenvolvendo o senso comum e influenciando o meio social.

Para compreender o fenômeno de algumas Representações Sociais, temos que perguntar: Por que criamos essas representações? A resposta é que a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar (MOSCOVICI, 2004). Moscovici considera que os universos consensuais são universos familiares nos quais as pessoas querem ficar, pois não há conflito. Nesse universo, tudo o que é dito ou feito, confirma as crenças e as interpretações adquiridas. Em geral, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização em que os objetos, pessoas e acontecimentos são compreendidos previamente. O não-familiar são as ideias ou as ações que nos perturbam e nos causam tensão. Essa tensão entre o familiar e o não-familiar é sempre estabelecida em nossos universos consensuais, em favor do primeiro. No entanto, o que nos é incomum, não-familiar é assimilado e pode modificar nossas crenças. Esse é o processo de re-apresentar o novo. (MOSCOVICI, 2004 apud REIS; BELLINI, 2011, p.4).

Ou seja, estamos constantemente tentando transformar algo que não é familiar em algo que é familiar a partir de representações. Essas representações acontecem a partir de relações que funcionam como uma atividade de familiarização em que tudo é compreendido anteriormente. Logo, o que não é familiar (coisas que causam estranheza, que é incomum) acaba por modificar nossas concepções a partir da apresentação do novo, tornando-se então, familiar.

A reprodução social, lembrou Lefebvre mais de uma vez, é reprodução ampliada de capital, mas é também reprodução ampliada de contradições sociais: não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações – não há repetição do velho sem uma certa criação do novo, mas não há produto sem obra, não há vida sem História. Esses momentos são momentos de anúncio do homem como criador e criatura de si mesmo. (MARTINS, 1998, p.6)

Esse reprodução social é resultado do senso comum. Que estabelece relações a partir da troca de experiências. Essa troca de experiências resulta em contradições que são ampliadas pela sociedade para o meio social.

a representação social procura tornar o objeto, antes estranho, em familiar., isto é, ser inserido em "uma posição segura na matriz de identidade" (Moscovici, 1981: 23) deste grupo social. Assim ele adquire uma identidade e pode ser descrito, qualificado, distinguido de outros objetos, receber juízos e ter seu significado partilhado entre este determinado grupo social. Este processo, de tornar familiar o que é estranho através da ancoragem e objetivação, não tem por objetivo uma visão de mundo totalizante e totalmente coerente, mas parcial e de orientação no cotidiano. (SERBENA 2003, p.10)

Quanto às relações de estranheza, do que é familiar e não-familiar, entrando em conceitos que vão auxiliar no entendimento da pesquisa, o gênero é um conceito estabelecido pelas representações sociais, que, para Goellner (2010) entende-se que, por meio da nossa cultura e do meio social em que vivemos, nos identificaríamos como masculinos ou femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. (SCOTT, 1991 apud SANTOS, 2007, p. 3).

O gênero não é algo que está pronto ou determinado, mas sim, é construído culturalmente e socialmente, processo que envolve um conjunto de acontecimentos que marcam os corpos a partir do que se identifica em determinada cultura como masculino ou feminino. Segundo Duveen (1999, p.266), “a força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como uma menina ou como um menino desenvolvendo identidades sociais específicas.” Pois já é algo determinado quando ela chega ao mundo, estando o poder social diretamente ligado a isso.

[...] representações de gênero, exatamente porque se referem a uma dimensão central de organização e poder social, carregam consequências também centrais para nossas definições de EU [...] sempre pensamos em nós mesmos como homens ou mulheres, e dessas identidades sociais emergem exatamente à medida que internalizamos representações de gênero (DUVEEN, 1999, p.268).

Para aprofundar sobre gênero, falar em ‘identidades de gênero’ é essencial para compreender o conceito mais profundamente. Junges (2014, p.19) cita Louro (1997, p.28) afirmando que:

[...] estão continuamente se construindo ou se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe.

Ou seja, a identidade de gênero é construída a partir das suas experiências durante a vida, meio social e formas de lidar com o mundo. Dessa forma, as influências

durante a infância tem impacto direto na forma do indivíduo lidar com as relações sociais, se construindo como masculino ou feminino. Assim, não temos um gênero determinado durante o nascimento, mas sim no convívio social, sendo transformado por ele e transformando-o simultaneamente. Junges (2014) cita Finco (2003, p.91) dizendo que “Meninos e meninas demonstram comportamento, preferências, competências, atributos de personalidade apropriados para seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões estabelecidos”. Fazendo uma ligação com o conceito de identidade de gênero, o que foge então dessa personalidade apropriada é considerada diferente, dessa forma ocasionando a “anormalidade”, o preconceito e a discriminação.

Junges (2014, p.21) traz em seu trabalho que:

“Viver em sociedade significa participar de uma vida social na qual os critérios foram estabelecidos de antemão” (OLIVEIRA, 2011, p.2). E tudo que desviar destes critérios é tido como errado. Bauman (1998) refere-se ao puro como um sujeito que segue as normas, as ordens, um sujeito disciplinado, que ocupa um lugar adequado.

Devido a isso, o local em que se está inserido interfere diretamente em quais “critérios foram estabelecidos de antemão” (OLIVEIRA, 2011, p.2), isso quer dizer, critérios que já existiam anteriormente, por isso o que é socialmente tido como errado em um lugar, pode não ser em outro. Mostrando que a sociedade está em constante transformação e a identidade de gênero igualmente, por ser constantemente construída e resignificada.

Santos (2015, p.19) afirma que:

Durante vários contextos históricos o homem procurou padronizar as atitudes e gestos desenvolvidos socialmente por homens e mulheres, fazendo com que a diversidade sejam suprimidas ou invisibilizadas, esse processo resultou no que chamamos atualmente de papéis sociais, que está diretamente ligado ao julgamento de nossa conduta moral.

Quando se fala em papel social, Pereira e Mourao (2005, p.2) cita Louro e outros (1999, p.16) “ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa, distingue e discrimina”. E complementa:

A história tem mostrado que o sexo serviu de suporte para a organização social e para a construção de valores. Esta valorização do aspecto biológico foi decisiva para a instalação da hegemonia masculina, que se manifestou em todas as dimensões da existência humana, inclusive no desenvolvimento da ciência. (PEREIRA; MOURAO 2005, p.2).

A organização social veio, também, a partir da construção de valores que foram elaborados a partir de diversos fatores, dentre eles a sexualidade, estando presente em diversas dimensões da existência humana. Santos (2015, p.19) cita Martins (2010, p.40):

Nas ciências sociais o papel social define a estrutura social, basicamente como um conjunto de normas, direitos, deveres e expectativas que condicionam o comportamento humano dos indivíduos junto ao grupo ou dentro de uma organização. Os papéis sociais atribuídos ou conquistados têm em vista a interação social e resultado processo de socialização. [...] Os papéis sociais conferem um status determinado que não é problematizado pelos que recebem tais classificações e atribuições. Os comportamentos se adaptam se conformam e se confundem. Estes mesmos papéis sociais têm relativo valor e significados atribuídos pela sociedade.

Esses papéis sociais que tem valor e significado atribuídos pela sociedade, podem estar repletos do que entende-se como ideologia negativa a partir do que condiciona o comportamento humano de determinada sociedade, resultado da socialização, ou seja, processo de valores, comportamentos, direitos que foram construídos.

[...] o termo ideologia sendo explorado e definido por vários autores, dentre inúmeras definições ele pode ser classificado como um simples conjunto de ideias, nesse caso seguiremos a visão marxista do termo, visando-o então como sendo uma falsa consciência, um falso discurso, que nos conduz a “passividade social”. Dessa forma observamos diariamente a construção de ideologias voltadas para um ideal de masculinidade perfeito, a construção dela carrega os preconceitos existentes difundidos socialmente nas relações humanas. (SANTOS, 2015, p.19)

Essa ideologia, dependendo, pode ser uma ideia ultrapassada e que não condiz com a realidade. Acontecendo isso, pode acabar se tornando, o que foi citado anteriormente, como a ideologia negativa. Esse termo seria “[...] conceitos que não encontram superação de ideias, nem renovações ou modificações, tudo fica parado dentro de um sistema que com o passar do tempo se torna ultrapassado.” (SANTOS, 2015, p.20 - 21). Para compreender melhor e ter um esclarecimento acerca disso, Santos (2015, p.21) cita Guareschi (2000, p.40):

[...] aquela constituída pelas idéias distorcidas, enganadoras, mistificadoras; seriam as meias-mentiras, algo que ajuda a obscurecer a realidade e a enganar as pessoas. Ela apresenta-se como algo abstrato ou impraticável; como algo ilusório ou errôneo, expressando interesses dominantes e como que sustentando relações de dominação.

Pensando nessas ideias distorcidas como uma coisa que engana as pessoas e esconde, de certa forma a verdade, temos o preconceito. Crochik (2006) fala que, Preconceito, para ele é uma espécie de valor que atribuímos a determinada coisa, constituindo então uma vítima, recaindo na esfera moral. Sendo assim, quando se diz que algo é bom ou mau sem refletir sobre sua racionalidade e seu valor, seja pra

sociedade ou para o próprio indivíduo, esta seria uma atitude preconceituosa. Ele ainda exemplifica utilizando os judeus, que por mais que parecesse espontâneo e irracional o ódio que sofriam durante o nazismo, isso era reflexo de uma série de acontecimentos e fatores ideológicos, econômicos, psíquicos e religiosos. Santos (2015, p.19) cita Ferrari (2008, p.11):

Preconceito é um juízo preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória que se baseia nos conhecimentos surgidos em determinado momento como se revelassem verdades sobre pessoas ou lugares determinados. Costuma indicar desconhecimento pejorativo de alguém ao que lhe é diferente.

O homem está sempre buscando padronizar atitudes, e, a partir desse padrão acontece o preconceito. Ninguém nasce preconceituoso, isso ocorre a partir do convívio social. Para esse trabalho, o exemplo a ser dado (e estudado) é o com os homens praticantes de GAM. Pensando nisso ainda, o conceito de estereótipo aparece ligado com o de preconceito, pois um remete ao outro por ser um de seus elementos. O preconceito acontece por conta de estereótipos sociais, pois a sociedade está sempre buscando padronizar as relações e manifestações sociais para que seja tudo tal como uma fórmula única e imutável.

Estereótipo, para Crochik (2006) seria um produto cultural que se relaciona diretamente com a evolução da humanidade. São produzidos por uma cultura que pede que se defina tudo de forma precisa, por meio das mídias, escola, família etc, na qual a dúvida não pode existir, mas sim, a certeza.

Essas questões nos levam ao conceito de Heteronormatividade, que, para Petry e Meyer (2011) é problematizada como uma determinada forma de regulação como a sociedade ocidental está organizada e deve se portar de acordo com um padrão de sexualidade, que seria o heterossexual. Entretanto, mesmo com uma força muito grande dessa regulação pela sociedade, há indivíduos que escapam à norma heterossexual. Woojun e Cunningham (2016) dizem que os esportes são como uma instituição heterossexista organizada pela heteronormatividade e hegemonia da masculinidade, sendo então representado por uma forma estrutural do que ele vai chamar de estigma¹ social, no qual servem para privilegiar heterossexuais enquanto desvalorizam as comunidades que fogem desse padrão heteronormativo. Um grupo

¹ Estigma representa "um atributo que produz uma identidade social que é desvalorizada ou derrogada por pessoas dentro de uma cultura em um específico ponto no tempo". (WOOJUN; CUNNINGHAM. 2016, p. 2)

que pode ser usado como exemplo é o transexual. Estes indivíduos não seguem a forma como a sociedade está organizada e com o que lhes é designado pela norma heterossexual e reconstróem e ressignificam seus corpos através de uma cirurgia de redesignação sexual. Entretanto, ao mesmo tempo em que não se identificam com o que está socialmente designado para os seus corpos, estão constantemente buscando se adequar a heterossexualidade no sentido comportamental, mudando seus corpos e comportamentos. Woojun e Cunningham (2016) trazem ainda o conceito homohysteria (é um termo técnico sem tradução, mas se trata do medo de ser taxado de homossexual por seu comportamento ser atípico do gênero que se é atribuído). A heteronormatividade é algo que está presente de maneira muito forte no imaginário social, o que faz com que seja difícil reconstruir e ressignificar algo impregnado na sociedade há anos.

Moraes (2002) cita Baczko (1984) dizendo que é através do imaginário que se pode definir e encontrar os medos, aspirações e as esperanças de um povo. É através dele que as sociedades têm seus objetivos e adquirem uma identidade, organizando seu passado, presente e até mesmo o futuro. O imaginário social está presente e se mostra por meio de ideologias, construindo visões de mundo modelando condutas, modos e estilos de vida, mantendo a ordem vigente ou de introdução de mudanças sociais. “A própria evolução da história ultrapassa, hoje, a capacidade que têm os homens de se orientarem de acordo com os valores que amam. [...] Mesmo quando não são tomados de pânico, eles veem, com frequência, que as velhas maneiras de pensar e sentir entraram em colapso [...]” (MILLS, 1959, p.11). Devido a isso, é importante que se entenda a sociedade como algo amplo, para isso a compreensão da imaginação sociológica se faz necessária.

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres, Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas. (MILLS, 1959, p.11 – 12).

O indivíduo tem uma falsa noção da sua posição na sociedade, e a imaginação sociológica auxilia seu possuidor a compreender isso historicamente de maneira mais ampla, compreendendo seu significado.

O primeiro fruto dessa imaginação – e a primeira lição da ciência social que a incorpora – é a ideia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida (...). E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico. (MILLS, 1959, p.12).

Então, a partir da vida de cada indivíduo, acontece uma contribuição para a manutenção da sociedade e da história, e ao mesmo tempo em que isso ocorre ele é transformado pela sociedade e seu processo histórico, compreendendo cada um, sua experiência e avaliando, cada um, seu próprio destino dentro de determinado período histórico.

2.3 ESTUDOS SOBRE GÊNERO NO ESPORTE E NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Os estudos sobre gênero no esporte e mais precisamente na Ginástica Artística oferecem uma possibilidade maior de análise para compreender mais amplamente o que foi estudado e, conseqüentemente oportunizar uma prévia dos caminhos que já foram traçados. Para começar a entender o corpo, Goellner (2008, p.28) diz:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Sendo assim, a visão de corpo não se limita somente ao seu entorno, ou seja, aquilo que está externo, mas também como ele é representado e mostrado, seja por roupas ou acessórios que estão pertencendo a ele, além dos sentidos presentes em cada parte dele, que fazem parte de um impacto cultural e social para que então esses sentidos sejam colocados ali. Os corpos, os gêneros e as sexualidades, de acordo com Goellner, (2010, p.72):

No livro, *Sociologia do corpo*, David Le Breton faz uma afirmação bastante significativa para entendermos o corpo como o local de construção de nossa identidade, quando expressa: “a existência é corporal” (LE BRETON, 2006, p.24). Essa expressão, por si só, já traduz muito do que necessitamos apreender para pensarmos o corpo: ele não é algo que temos, mas algo que somos. Portanto, não há como falar de corpo sem falar de nós mesmos, de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser.

Quando dizemos corpo, estamos-nos referindo não somente à materialidade biológica que nos constitui, mas a nós mesmos.

Ele diz ainda, que, afinal, o corpo além dos órgãos e de coisas que o constituem internamente, é, também, seu entorno, acessórios e a imagem que se produz a partir da imagem reproduzida através das características desse corpo. Sendo assim, os corpos são diferentes, e se eles são diferentes, Goellner entende ainda, que os gêneros e as sexualidades também são.

Por gênero entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculino e feminino. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. (GOELLNER, 2010, p.75).

Estando ciente que o gênero é construído socialmente, isso leva a crer então que o que é considerado como masculino ou feminino não é natural, mas também construído e transformado historicamente.

Junges (2014, p.22) cita Vianna e Finco (2009, p.278):

Se, por um lado, meninas podem ter sua identidade de gênero questionada se praticam futebol, com meninos o mesmo ocorre, se eles não o fazem, se não são fanáticos pelo seu time, se não têm um time. Meninos são como que obrigados a gostar de jogar futebol. Pais, mães, amigos, amigas e até educadores/as exercem uma "pressão social" para que pratiquem essa modalidade. Aqueles que não o fizerem podem ser vistos como femininos.

Complementando, Rosa (2004) traz um estudo que mostra como estudantes do centro de desporto lidam com questões relacionadas à homossexualidade. Ele relata que em uma aula sobre gênero e possíveis relações com a Educação Física, a maioria dos alunos expressou sua opinião dizendo que entendiam as discussões, mas que não acreditavam que o preconceito acabaria. Durante essa aula, foi exposto um vídeo para os alunos:

Entre as coreografias, havia um solo, no qual o bailarino dançava de forma suave e contemporânea. Isto, de alguma forma, evidenciou para o acadêmico uma identidade homossexual na criança, o que em sua concepção (e de muitas pessoas) era repugnante. Sei que mudar esse quadro social de discriminação não é tarefa muito fácil. Só o fato de elucidar a discussão acerca do homoerotismo é por si rica e muito significativa para a formação de homens e mulheres que vivem em uma sociedade plural, mas que em alguns casos exige comportamentos e identidades padronizadas. (ROSA, 2004, p. 4).

Isso mostra, claramente o que foi falado anteriormente do conceito de Heteronormatividade que está presente na sociedade, o qual todos devem buscar se

adequar no sentido comportamental. Junges (2014, p.23) fala sobre a importância da influência dos pais e cita Souza (2008, p.154):

No decorrer de suas vivências, meninos e meninas associam esquemas classificatórios que compõem o processo de construção de suas representações. Nesse sentido, desde o nascimento, as crianças se deparam com um mundo estruturado pelas representações, e são estas que elas desenvolverão. Confirmar a identidade significa dizer “o que somos” e “o que não somos”, sempre manifestando distinções. Os depoimentos sobre identidade e diferença demonstram quem está incluído e quem está excluído, quem pertence e quem não pertence, marcando fronteiras e declarando relações de poder.

Dessa forma, os indivíduos chegam a um mundo no qual as coisas já são pré-determinadas, logo, se os pais influenciarem esses indivíduos de forma que uma modalidade como a Ginástica Artística seja tida como normal e igualmente masculina como o futebol, isso não causará estranheza e esses indivíduos serão mais abertos a mais uma possibilidade de vivência esportiva.

Junges (2014, p.29) diz:

Meninos podem isso; meninas não podem aquilo; meninos devem ser fortes e não podem chorar; meninas devem ser delicadas e carinhosas; meninos devem gostar de esportes; meninas devem apreciar atividades domésticas; meninos gostam de lutas; meninas gostam de boneca. Meninos e meninas são caracterizados de maneiras diferentes [...].

Consequência disso, algo que Tsukamoto e Knijnik (2008) apontam em seu estudo, argumentando que é comum observar em escolinhas de esportes, clubes, centros esportivos e em diversos locais nos quais as práticas corporais se desenvolvem, existe uma construção de gênero que acaba por ser hegemônica. Sendo observados momentos em que, as atividades de meninos e meninas são divididas, cabendo a eles fazerem o que é mais aceito para o seu sexo. Ou seja, por existir essa crença de que meninos podem fazer certas atividades e meninas outras, essa divisão se espalha pelos locais para a prática das modalidades esportivas e está sendo constantemente reforçado.

Por exemplo, meninos jogarem basquete, futsal, fazerem lutas enquanto as meninas fazem ginástica e dança. Afirmam ainda que, especificamente na realidade brasileira, existe um afastamento muito grande do público masculino da GA, pois existe uma pressão enorme das representações de gênero sobre essa atividade.

[...] por ser considerada socialmente uma prática feminina, o estereótipo e mesmo o preconceito sobre os garotos que a praticam muitas vezes os afastam da atividade – os próprios professores e professoras muitas vezes são veículos destas posições rígidas, que refletem uma descabida, do nosso ponto de vista, visão sobre a modalidade. Ao retomarmos as

características apontadas como aquelas atribuídas aos esportes femininos, encontramos a graciosidade e o aspecto estético; quando pensamos nas características relacionadas às modalidades masculinas, nos deparamos com a força, a coragem e a disciplina. (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2008, p.116)

Dessa forma, a GAM teria então, semelhanças com as modalidades que são consideradas, socialmente como masculinas, tais como futebol, basquete, rugby entre outras, que também necessitam de força, disciplina e coragem. Além disso, levando em consideração a história da modalidade, os homens dominavam (e em alguns países dominam até hoje) a Ginástica Artística, inclusive no Brasil, que, atualmente tem grandes campeões, um bom exemplo seria o Arthur Zanetti (Campeão Olímpico, Mundial e Pan-americano). A GAM, no Brasil, se encontra em um nível mais elevado que a feminina atualmente, visto a queda de rendimento e falta de talentos (renovação) no último ciclo olímpico.

Os próprios praticantes já se defendem ao declararem que praticam a modalidade. Mas esquecem do vigor físico que todas as provas exigem, tornando um esporte tão masculino quanto feminino, ou seja, a identidade é apreendida através das representações de si em resposta à pergunta 'quem és', e esses garotos necessitam "justificar" para si mesmo que não exerce uma "prática homossexual" e por isso não o são, pois caso contrário eles poderiam introjetar essa ideia e entrar em conflito se é ou não homossexual pelo esporte que pratica (ANTUNES; REIS, 2008, p.4).

Wenetz e Stigger (2006) dizem que é possível observar diferentes maneiras de viver e sentir a feminilidade e a masculinidade em diferentes tempos e espaços culturais, tendo variações, isso porque os indivíduos vivem em espaços diferenciados do ponto de vista social e histórico que, devido às particularidades, também promovem maneiras diferentes de ser.

Assim, a cultura de cada lugar faz com que os sujeitos tenham características diferenciadas, além de se relacionar com outras categorias.

[...] do gênero, manter, como enfatiza a autora, relações com outras categorias, como exemplo, a raça, a nacionalidade, a etnia, a classe, a sexualidade etc. Portanto, serão justamente as relações existentes entre essas categorias que darão certas peculiaridades aos sujeitos, tornando-os parte de grupos sociais que se constituirão de maneira diferente um dos outros. Além disso, [...] as diversas instituições, como a escola, a família, a política, a mídia etc, também constroem os sujeitos nas suas particularidades, do mesmo modo que, igualmente, são compostas por estes. (COSTA; RIBEIRO, 2008, p.3)

Entendendo então que as peculiaridades os tornam partes de grupos que se constituem de diferentes maneiras, os contextos sociais e os diferentes sujeitos que fazem parte deles acabam tendo também diferentes modos de ser e de agir dependendo dos estágios da vida de um mesmo sujeito. E já que isso é algo vivido

de diferentes maneiras (a masculinidade e a feminilidade), porque seria então uma regra o ser masculino? Não deveriam privar nenhuma atividade física para sexo específico, pois isso impede o corpo de experimentar novas práticas e vivenciar sensações diferentes a partir de modalidades esportivas que são diferenciadas e trabalham com o corpo de forma única.

Pereira e Mourao (2005) em seu estudo de Identificações de Gênero aponta que esse é um debate recente:

A temática - gênero - nos debates da Educação Física Escolar, dos esportes e da atividade física é considerada recente, e um dos focos motivadores dos novos estudos têm se inspirado na tentativa de superar o modelo tradicional de se pensar o corpo em movimento separado por sexo, que esteve por muito tempo presente na Educação Física. (PEREIRA; MOURAO, 2005, p.2).

Certamente, por ser algo novo, a dificuldade em desconstruir esse modelo tradicional de pensar os movimentos do corpo é algo ainda muito forte. E para isso passar a mudar e ser diferente, uma transformação social deve acontecer, levando assim, muitos e muitos anos.

Pensando na Ginástica masculina, que está em crescimento atualmente, no Brasil, com toda repercussão social, está se tornando uma potência mundial. Essa realidade se transformando, a modalidade poderia crescer ainda mais. Porém, a visão de homem que está no imaginário social pode interferir nisso.

[...] existiria um tipo de homem padrão, identificável a partir de seus comportamentos, atitudes, modos, gostos e prazeres, a partir do qual, todos os outros seriam classificados, enquadrados, pensados, rotulados, engrandecidos ou ridicularizados. Assim, a partir do centro da norma, formas desviantes da masculinidade seriam denunciadas e valores hegemônicos do masculino forjados. (LOPES, 2011, p.3).

O ser masculino ou feminino é uma ideia que está imposta no corpo de meninos e meninas, seja delicado para elas e forte para eles. Estão constantemente sendo rotulados para que não desviem do padrão e sigam as normas pré-estabelecidas para ser socialmente aceito no imaginário social.

Este imaginário circunscreveu-se no corpo de meninos e meninas e indicava que eles tinham a capacidade de produzir gestos e movimentos fortes, ágeis, viris e eficientes; e elas leves, graciosos, delicados e belos. As diferenças existentes entre os dois sexos, como a composição corporal e as qualidades físicas, acabam por definir alguns comportamentos mais identificados e apropriados a cada sexo. Atividades que exigem menor esforço físico e estão associadas à estética com movimentos harmônicos, leves e suaves, estão mais presentes nos movimentos das meninas, exaltando características de delicadeza e fragilidade como definidoras de sua identidade motora. Observa-se que, desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado que lhes ensina os

comportamentos e emoções 'adequados' e 'aprovados socialmente' ao seu sexo.(PEREIRA; MOURAO, 2005, p.2).

Então, desde o seu nascimento já são ensinados a agirem de determinada forma, gostar de determinadas cores e gostar de determinados brinquedos. E os sujeitos crescem assim, acreditando nisso, e viram adultos preconceituosos. E isso tende a ser passado para seus filhos e assim sucessivamente.

Koivula (2001) em seu artigo "Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, feminine and masculine." afirma que a classificação de diferentes atividades como feminino ou masculina é em grande parte uma construção social, mas ainda em expectativas estereotipadas em relação ao sexo e percebendo a diferença de gênero. De acordo com ela, os esportes são considerados em geral como masculinos, entretanto, existem alguns que são considerados, devido às suas características, como femininos.

O estudo de Koivula (2001) tinha como objetivo examinar o que os homens e mulheres percebem como características de diferentes esportes e dos participantes destes esportes. Certas tarefas e atividades têm sido tradicionalmente atribuídas a homens e outras para as mulheres, sendo considerados como atividades masculinas ou femininas.

Ela diz ainda que, essas categorizações são, em grande medida, construções sociais baseadas em nossas expectativas em relação ao sexo e em nossas crenças. Por sua vez, são representações construídas socialmente, historicamente específicas e culturais das interações que ocorrem entre os indivíduos. "Tem sido sugerido que o desporto é uma representação do sistema sociocultural em que ocorre uma reflexão do esporte, bem como as atitudes, crenças, rituais e valores das sociedades em que se desenvolveram." (KOIVULA, 2001, p. 1. tradução nossa).

Com isso, a sociedade acaba interferindo na escolha de muitos meninos em relação à prática de ginástica artística. Antunes e Reis (2008) realizaram um estudo sobre preconceito na Ginástica Artística Masculina, e nesse estudo dados importantes foram encontrados.

Eles realizaram um questionário com pais de alunos e adquiriram diversas informações. Tais como, os motivos de interferência nas escolhas das modalidades esportivas de seus filhos. 26% afirmou interferir se for uma atividade física que pode influenciar na orientação sexual da criança. Como uma atividade física poderia

influenciar na orientação sexual de uma criança? Em países como os Estados Unidos, o futebol é praticado predominantemente pelas mulheres (ao contrário do que ocorre no Brasil), isso demonstra que a forma de lidar com o corpo e consequentemente essas práticas corporais é cultural e varia de uma sociedade pra outra.

Entretanto, os dados obtidos mostram que 86% dos que responderam o questionário não acreditam na possibilidade de uma prática esportiva influenciar na orientação sexual dos filhos.

O autor diz ainda que, a escola é uma instituição que favorece os agrupamentos por sexo, reforçando através de ideais e atividades que separam meninos e meninas.

Dentre os 14% que acreditam na influência da prática de um determinado esporte na determinação sexual, alguns afirmam que algumas coisas na vida foram criadas para homens e outras coisas para mulheres e se todo mundo respeitasse as regras e princípios o mundo seria melhor do qual cada um deve escolher o esporte certo para seu sexo. (ANTUNES; REIS, 2008, p.9).

Isso demonstra a visão preconceituosa e ultrapassada que alguns indivíduos ainda têm, e é algo preocupante do ponto de vista motor para as crianças, pois acaba por privá-los de realizarem atividades diferenciadas e prazerosas por conta de estereótipos da sociedade.

Em seguida, no questionário tinha ainda, uma pergunta sobre existir alguma prática que não deixariam seus filhos praticarem por não ser adequada para meninos, perceberam que alguns pais não deixariam que seus filhos praticassem dança ou Ginástica Artística por questões religiosas ou costumes de família, sendo que na opinião deles a ginástica foi feita para mulheres, pois a população olha os homens que praticam com outros olhos e por isso acabam criticando muito, pois é:

[...] a sociedade quem cria padrões de feminilidade e masculinidade que são considerados 'normais' ou 'desviantes'. Os conteúdos atribuídos à oposição, masculino/feminino, não são decorrentes da dimensão biológica dos seres humanos, mas variam de cultura para cultura. Desta forma, considera-se que barreiras foram sendo criadas, e a elas associadas uma série de representações sexistas, fundadas na biologia dos corpos através dos argumentos cientificistas e alimentadas pela cultura. (PEREIRA; MOURAO, 2005, p.2).

2.4 COMPARATIVO ENTRE O NÚMERO DE PARTICIPANTES DO SEXO MASCULINO E FEMININO EM TORNEIOS NACIONAIS E CAMPEONATOS BRASILEIROS

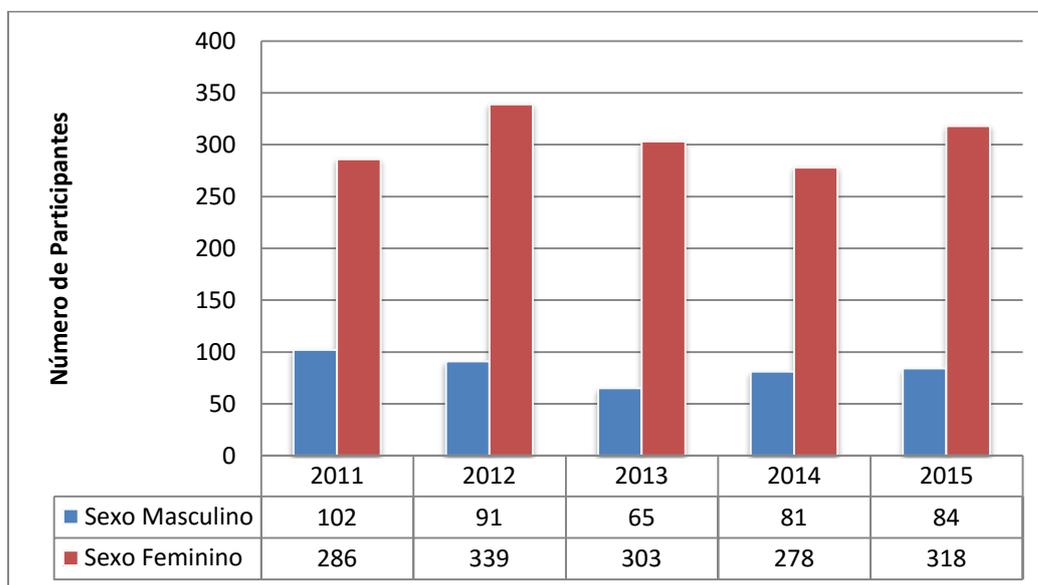
Fazendo um comparativo com informações obtidas através da CBG (Confederação Brasileira de Ginástica), os dados obtidos dos últimos cinco anos se mostraram alarmantes, e claramente desfavoráveis para a GAM em competições nacionais amadoras (Torneios Nacionais).

Os torneios têm como principal objetivo a massificação da modalidade, refletindo bem a realidade das escolinhas de Ginástica Artística do país e o número de participantes na iniciação.

Em alguns anos, tais como 2011, 2012, 2013 e 2014 tiveram dois torneios durante o ano, então os dados foram captados de ambos, e, em cada torneio, há divisão por níveis e categorias.

Níveis: Iniciante, Intermediário e Avançado. E categorias: Pré-Infantil, Infantil, Juvenil e Adulto. Os dados foram somados para atingir o número de participantes, incluindo todos os níveis e categorias.

Gráfico 1 - Comparativo entre número de Participantes em Torneios Nacionais



Fonte: adaptado de Confederação Brasileira de Ginástica (2011-2015).

Começando a partir do ano de 2011, os torneios nacionais tiveram um total de 388 participantes. Destes, 102 competidores eram do sexo masculino, enquanto do sexo feminino o número era muito maior, 286.

No ano seguinte, 2012, enquanto o número de participantes do sexo masculino diminuiu para 91, o de participantes do sexo feminino subiu para 339.

O ano de 2013 também não foi diferente para os meninos. Enquanto as competições contaram com 65 participantes do sexo masculino, tinham 303 do sexo feminino, mais que o triplo.

Em 2014 esse número sobe novamente, 81 do sexo masculino enquanto do feminino reduziu para 278. Uma observação necessária é que o local dos torneios varia muito.

Algumas vezes sediado no sudeste, outras no nordeste, outras no sul e outras vezes no centro-oeste, o que pode justificar essa variação no número de participantes do mesmo sexo, visto que para alguns estados é mais complicado se locomover seja por questões financeiras seja pela distância. Entretanto, em momento algum o número, em relação ao sexo, se inverteu.

Em 2015, o número de participantes do sexo masculino era 84, enquanto tinham 318 do sexo feminino.

Esses dados reforçam o fato de que, no Brasil, existe um número muito maior de meninas praticantes de Ginástica Artística, mostrando então que, socialmente, essa é uma atividade praticada predominantemente por meninas. Isso pode apresentar um problema para que os meninos sejam socialmente incentivados a praticar e vivenciar a modalidade.

Em Campeonatos de alto rendimento (Campeonatos Brasileiros) houve uma mudança na diferença de número de participantes, que anteriormente era bem grande. Ainda existe, porém em menor proporção. Em todos os anos, os campeonatos acontecem por divisão de categorias.

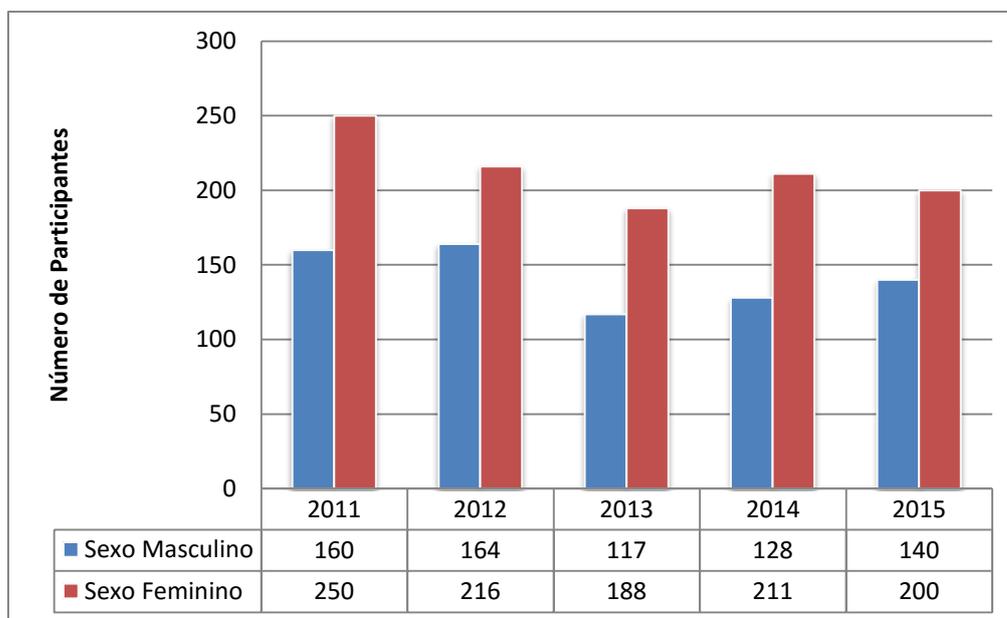
Em cada categoria, mais uma divisão. As categorias são as mesmas dos Torneios: Pré-Infantil, Infantil, Juvenil e Adulto. No masculino, em cada categoria ocorre uma divisão por idade (com exceção da categoria adulta).

Já no feminino, cada categoria (com exceção da categoria adulta) ocorre uma divisão entre níveis, são eles A (nível mais avançado) e B (nível um pouco inferior).

Na categoria adulta há uma divisão por idades, tal como ocorre nas categorias pré-infantil, infantil e juvenil do masculino.

Os dados foram somados para atingir o número de participantes, incluindo todos os níveis e categorias.

Gráfico 2 – Comparativo entre número de participantes em
Campeonatos Brasileiros



Fonte: adaptado de Confederação Brasileira de Ginástica (2011-2015).

Em 2011 o número de participantes do sexo masculino, no total, foi de 160 atletas, enquanto no feminino, 250. Uma grande e significativa diferença que continuou durante os anos seguintes.

Em 2012 houve uma queda no número de participantes do feminino, totalizando em 216, enquanto no masculino um aumento, 164.

Em 2013 dois desses campeonatos foram realizados em um local distante, provavelmente por isso a queda significativa no número de participantes de ambos os sexos, registrando 117 no masculino e 188 no feminino.

Em 2014 esse número voltou a subir, tendo 128 participantes do sexo masculino e 211 do sexo feminino, permanecendo o maior número do sexo feminino.

E em 2015 também não foi diferente, apesar de uma queda no número do feminino e aumento no do masculino, que registrou 140 atletas, no feminino 200.

Como já dito anteriormente, é comum acontecer uma variação constante na quantidade de inscrições anuais devido à localização dessas competições. O fato

que se chama a atenção, é que, em ano nenhum, independente da localização da competição, esses dados se inverteram.

Desde 2011, em competições amadoras ou de alto rendimento, o número de participantes do sexo feminino sempre foi maior que o do masculino, sendo esse então, um padrão.

3 METODOLOGIA

Para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo, que consiste em observar os fatos tal como ocorrem, não permitindo então isolar nem controlar as variáveis, mas sim, perceber e estudar as relações estabelecidas. Para realização desta pesquisa, foi utilizada a análise qualitativa, que, de acordo com Gil (1994), considera uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser avaliada em números. Essa foi uma pesquisa descritivo-exploratória, que, de acordo com Rodrigues e outros (2006), os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, cabendo ao pesquisador problematizar os seus dados, objetivando descrever as características de certa população (nesse caso, os atletas de Ginástica Artística masculina), envolvendo um levantamento a partir do grupo focal e questionários realizados com os atletas.

As técnicas que foram utilizadas para a coleta de dados foi padronizada com um questionário misto e também grupo focal. Para a realização da coleta de dados foi necessário viajar para outro estado já que em Vitória, atualmente, não tem um centro para a GAM. Como amostra, foram selecionados atletas de um clube de alto rendimento, e então foi aplicado um questionário para os 6 atletas com mais de 18 anos. A escolha do clube com atletas de alto rendimento se justifica pelo fato de serem homens que estão presentes na mídia constantemente, entendendo melhor então a imagem que eles passam para a sociedade.

O questionário misto, tal como o nome indica são questionários que apresentam diferentes tipos de questões, possuindo então, respostas tanto abertas quanto fechadas.

O questionário do tipo aberto é aquele que utiliza questões de resposta aberta. Este tipo de questionário proporciona respostas de maior profundidade, ou seja, dá ao sujeito uma maior liberdade de resposta, podendo esta ser redigida pelo próprio. No entanto a interpretação e o resumo deste tipo de questionário é mais difícil dado que se pode obter um variado tipo de respostas, dependendo da pessoa que responde ao questionário (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2005, p.6).

Por ser um questionário misto, algumas questões foram abertas, e outras (em grande maioria) fechadas. O questionário era composto por 14 questões, sendo 3 discursivas e 11 objetivas.

O questionário do tipo fechado tem na sua construção questões de resposta fechada, permitindo obter respostas que possibilitam a comparação com

outros instrumentos de recolha de dados. Este tipo de questionário facilita o tratamento e análise da informação, exigindo menos tempo. Por outro lado a aplicação deste tipo de questionário pode não ser vantajoso, pois facilita a resposta para um sujeito que não saberia ou que poderia ter dificuldade acrescida em responder a uma determinada questão (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2005, p.6).

O questionário foi utilizado para ter dados preliminares para o desenvolvimento do grupo focal, ampliando seu modo de pensar e apresentando estudos já existentes relacionados a isso, e o grupo focal para dialogar melhor com suas origens e terem a oportunidade de falar sobre suas vidas, como começaram a praticar e por qual motivo estão até hoje.

Quanto ao grupo focal, de acordo com Backes e outros (2011), é entendido como técnica de coleta de dados, o grupo surgiu na área da pesquisa social, sendo usado em diversas áreas, dentre elas as ciências sociais. Essa é uma importante técnica para pesquisas qualitativas em que a coleta de dados é necessária, ampliando a utilização para promover os participantes desta, como indivíduos que participam ativamente na construção da pesquisa. Uma pesquisa qualitativa é constituída de diversas formas de metodologia, permitindo novas maneiras de coleta e de análise de dados. Estando então, dentre essas diversas possibilidades, além do questionário, o grupo focal, representando uma técnica de coleta de dados que depende e conta com uma interação do grupo, problematizando sobre como eles se veem perante a sociedade, acessando informações sobre um fenômeno social, seja para gerar outras e novas concepções ou para problematizar ideias mais profundamente. O grupo focal representa então, uma diferente estratégia para pesquisas qualitativas, e dessa forma representou uma conquista e um desafio para o pesquisador envolvido.

Barbour (2009) resume essa técnica com uma definição, que, resumidamente seria então uma espécie de entrevista de grupo. Essa técnica tem sido eficiente para uma projeção de metodologias nos quais os questionários sejam culturalmente considerados delicados, pensando na elaboração de contextos que sejam relevantes e para certas minorias (como é no caso dos atletas). O local onde a pesquisa será realizada deve contar com uma flexibilidade do pesquisador com relação ao espaço em que será realizado e uma boa junção de quem direcionará as questões. Com isso, foi selecionado um clube no qual a maioria dos atletas já conhecia o pesquisador para que a confiabilidade das informações fosse maior e falassem mais

abertamente, tendo uma boa combinação com o espaço, levando em consideração que a dinâmica de grupo foi realizada na sala de fisioterapia do clube, que é um lugar aonde eles se sentem familiarizados.

O autor ainda diz que há um grande impacto na participação desses indivíduos no grupo focal, e justifica que não se sabe ao certo o motivo da aceitação deles por esse método, mas que uma das razões pode ser o efeito catártico, termo esse que o autor explica dizendo que na psicologia, é um termo que pode aliviar ou fortificar o estado de espírito de uma pessoa, provocando nesse caso uma conscientização forte, emocional e até traumatizante de uma lembrança que é reprimida, apontando que existem desafios a serem enfrentados pelo pesquisador, principalmente com grupos que são vulneráveis. Barbour (2009) aponta ainda que, os grupos focais constroem uma importante maneira para investigar como as pessoas constroem suas visões, e para isso o moderador deve buscar, antes de a compreensão das discussões, um esclarecimento, levando a uma obtenção de respostas que sejam espontâneas. Assim sendo, o grupo focal pode alcançar uma reflexão que, de repente, outras técnicas não alcançariam, revelando um entendimento, por vezes, inexplorado pelas técnicas tradicionais de coleta de dados.

De acordo com Boni, Quaresma (2005) é importante filtrar as informações, para que se obtenha um direcionamento maior para o seu tema de pesquisa. O roteiro de grupo focal para a dinâmica elaborada tinha 10 questões, todas relacionadas de forma que completasse as informações adquiridas com o questionário, para que os dados estivessem mais claros e para que os objetivos fossem alcançados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Esse capítulo trará os dados coletados a partir da análise das informações do questionário e do grupo focal que foi feito com os atletas de GAM de forma detalhada para que sejam feitas as devidas discussões, utilizando o referencial teórico como embasamento e os conceitos apresentados para melhor compreensão do que estará sendo analisado.

Além disso, constantemente será necessário viajar entre as os dois tipos de coletas de dados, para que seja sempre possível fazer a melhor análise, pensando sempre em complementar os dados obtidos através do questionário com os do grupo focal e vice-e-versa.

É importante ressaltar que após entregar o questionário (realizado anterior ao grupo focal, com todos os atletas na sala de fisioterapia após uma manhã de treino), logo no início, quando um dos atletas começou a ler as questões fez uma afirmação curiosa: “Qual é Walmy, ginástica é esporte de homem ‘pra caralho’, em”. (Entrevistado A²). Isso foi algo que chamou muita a atenção, pois parece ser uma necessidade que ele já tem de se auto-afirmar como homem, que a ginástica é um esporte também masculino, quando na verdade um dos objetivos da pesquisa é desmistificar essa ideologia negativa que existe em torno dos sujeitos praticantes de GAM no Brasil.

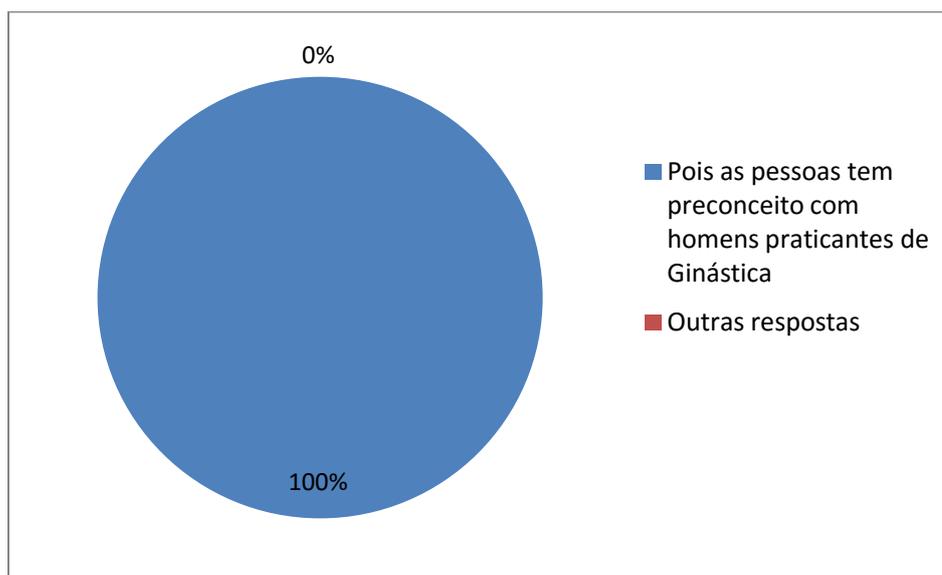
Isso se relaciona ao que Junges (2014) fala quando cita Vianna e Finco (2009), ao afirmar que meninas são constantemente questionadas sobre sua sexualidade se praticam futebol, e o inverso com os meninos, que, são ‘obrigados’ a gostarem de futebol, seja por uma pressão que é feita pelos pais, amigos, familiares ou até mesmo pelos próprios professores na escola. Retomando Antunes e Reis (2008), eles dizem que os próprios praticantes já se defendem ao assumirem que praticam a modalidade, e têm a necessidade de justificar para eles mesmos que não exercem um esporte feminino, pois caso contrário, poderiam entrar em conflito com sua sexualidade.

As perguntas do questionário em momento algum apontam que a GA é uma modalidade feminina. A primeira questão é bem inicial e busca entender o que eles

² Foi adotado o sistema alfabético para diferenciar os indivíduos que participaram do grupo focal, mantendo assim seu anonimato.

acham do número de participantes de GAF e GAM, dados nacionais que já foram apresentados nos gráficos 1 e 2 do capítulo Comparativo entre o número de participantes do sexo masculino e feminino em Torneios Nacionais e Campeonatos Brasileiros.

Gráfico 3 - Porque você acha que no Brasil tem mais praticantes de GAF que de GAM?



Fonte: elaboração própria.

As outras respostas consistiam em outras possibilidades, tais como: “A ginástica masculina possui mais aparelhos, sendo então uma modalidade de maior custo”, ou “A ginástica artística é um esporte para mulheres.” Ou “por não ter música”. A resposta foi unânime e apontou um dado muito relevante. 100% dos ginastas entrevistados acreditam que a GAF tem mais praticantes que a GAM por ser uma modalidade que sofre com o preconceito que a sociedade tem com os homens praticantes de Ginástica Artística. O ser masculino ou feminino é uma idéia que está imposta na cabeça de meninos e meninas e qualquer coisa que seja diferente disso, gerará o preconceito. Pereira e Mourao (2005, p.2) afirmam que “desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado que lhes ensina os comportamentos e emoções ‘adequados’ e ‘aprovados socialmente’ ao seu sexo.” E isso reflete diretamente em como os indivíduos vão lidar com isso até chegarem à vida adulta. “[...] por ser considerada socialmente uma prática feminina, o estereótipo e mesmo o preconceito sobre os garotos que a praticam muitas vezes os afastam da atividade” (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2008. p.116),

corroborando a resposta dos ginastas, que justificaram que o preconceito é um dos motivos pelo qual a GAF tem mais praticantes que a GAM.

Para compreender melhor então, no grupo focal foram perguntados como conheceram a ginástica e quais foram as motivações para que isso acontecesse. Todos começaram entre 6 e 8 anos de idade, além disso, outra coisa em comum é que a grande maioria fazia capoeira antes de entrar na ginástica, e que a mudança se deu ou porque “diziam que eu tinha talento pra ginástica” (Entrevistado D) ou “Porque era mais interessante, muito mais maneiro” (Entrevistado C).

Alguns afirmaram que foi por incentivo dos pais iniciar, outros por pessoas dizendo que eles tinham talento. Isso mostra que, os pais tem grande impacto em qual modalidade esportiva o filho vai praticar inicialmente, e que isso pode vir a mudar ou não de acordo com a adaptação de cada um na modalidade.

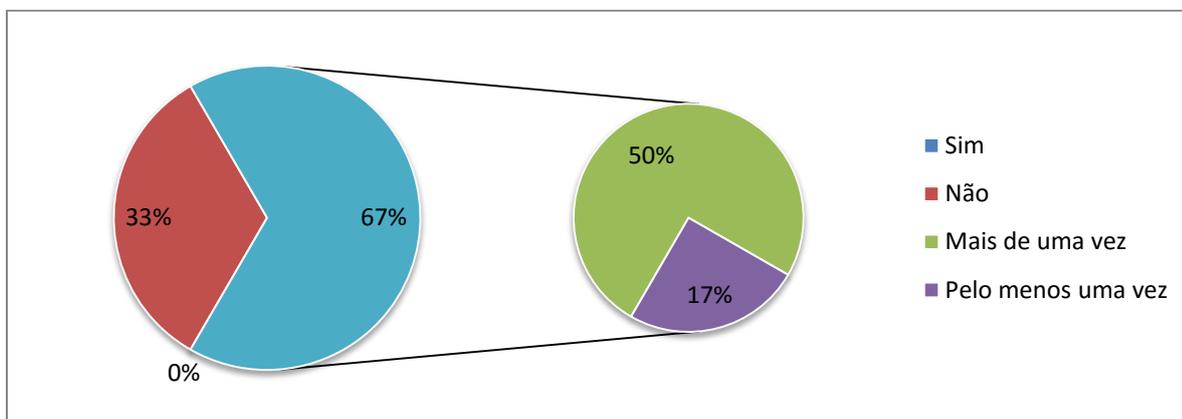
Uma resposta muito interessante foi: “Eu fazia capoeira e tinha facilidade com alguns movimentos, pra fazer uns mortais. Então me indicaram para a ginástica, fiz o teste e passei, mas eu me assustei porque achei meio boiola, então meti o pé. Mas aí a mulher me ligou de novo, eu voltei e hoje to aí.” (Entrevistado A) Quando ele disse isso, o resto do grupo começou a dar risada da situação, e ele também. Nota-se aí uma outra questão fundamental, a presença do preconceito no esporte.

É interessante ele ter dito isso, pois muitas vezes essa nem era a visão que ele tinha na época, entretanto, já tinha um preconceito por conta do que está no senso comum. Foi essencial que ele passasse a conhecer melhor a modalidade por conta de uma nova chance que ele se permitiu, e então, mudar de opinião: “Pô, mas aí depois eu vi que era maneiro e que precisava de força pra caramba e fiquei animadão.” (Entrevistado A).

A representação social que a ginástica tinha, para esse individuo, carregava um significado contrário do que ele realmente acha hoje, porém, como era o que estava presente no senso comum, provavelmente gerou essa resistência inicial. Esse senso comum é um conhecimento compartilhado entre os sujeitos de uma sociedade ou grupo social e, pensando no caso do Entrevistado A, que largou a ginástica mas depois deu uma segunda chance, acabou voltando. Quantos outros largaram e não voltaram mais?

Em seguida, a análise através do questionário consistiu em perguntar se já sofreram algum tipo de preconceito simplesmente por ser atleta de GAM. Segue o gráfico:

Gráfico 4 – Já sofreu preconceito por ser atleta de GAM?



Fonte: elaboração própria.

O dado foi, novamente, muito significativo. Enquanto 33% relatou nunca ter sofrido preconceito (apesar de acreditarem que os atletas sofrem com isso) os outros 67% relataram que sim, que já sofreram preconceito.

Desses 67%, 50% já sofreu preconceito mais de uma vez, enquanto 17% pelo menos uma vez. Com isso, a 3ª questão buscou, considerando que exista, entender o impacto do preconceito na vida deles. Levando em conta que a maioria já sofreu com preconceito, qual o motivo disso?

O homem sempre buscou padronizar atitudes, fazendo com que qualquer diversidade fosse vista com maus olhos, causando uma ideologia negativa no papel social que esses indivíduos representam socialmente, se tornando uma ideia ultrapassada e que é reproduzida na sociedade. “[...] uma atitude discriminatória que se baseia nos conhecimentos surgidos em determinado momento [...]” (FERRARI, 2008 apud SANTOS, 2015, p.19), esse preconceito se justifica por conta dos estereótipos sociais, e então tudo que foge do padrão heteronormativo da sociedade sofre discriminação por ser diferente. Cabendo ao conceito de esteriótipo, que para Crochik (2006) é um produto cultural que se relaciona diretamente com a evolução da humanidade.

Entendendo então que o preconceito acontece e que não é saudável, no grupo focal a pergunta é para saber o que os motivou a continuarem treinando para se tornarem

atletas de alto rendimento, independente do que sofreram ou não, e as respostas transitavam entre o incentivo dos pais ou o prazer pessoal.

A ginástica é um esporte de superação, então cada dia você deve vencer obstáculos, e quando isso acontece, é prazeroso e gratificante continuar a evoluir. Você nunca está no limite, sempre tem algo para melhorar e aperfeiçoar, fazendo com que essa, seja então, uma modalidade desafiadora e extremamente prazerosa de ser praticada, tanto que, mesmo com o preconceito sofrido, esses atletas se mantiveram firmes e focados nos treinamentos. A questão é, esses se mantiveram praticando a modalidade, mas foi assim pra todos? Quantos nem se quer chegaram a praticar, mas que gostariam?

É complicado pensar na possibilidade de desconstruir isso quando está tão profundo na sociedade. Tsukamoto e Knijnik (2008) argumentaram que nos clubes esportivos essa divisão de gênero é algo forte e está presente, existindo momentos em que as atividades são divididas para os meninos fazerem o que é mais aceito socialmente para eles e as meninas o que é mais aceito para elas, pois o homem está sempre buscando padronizar atitudes.

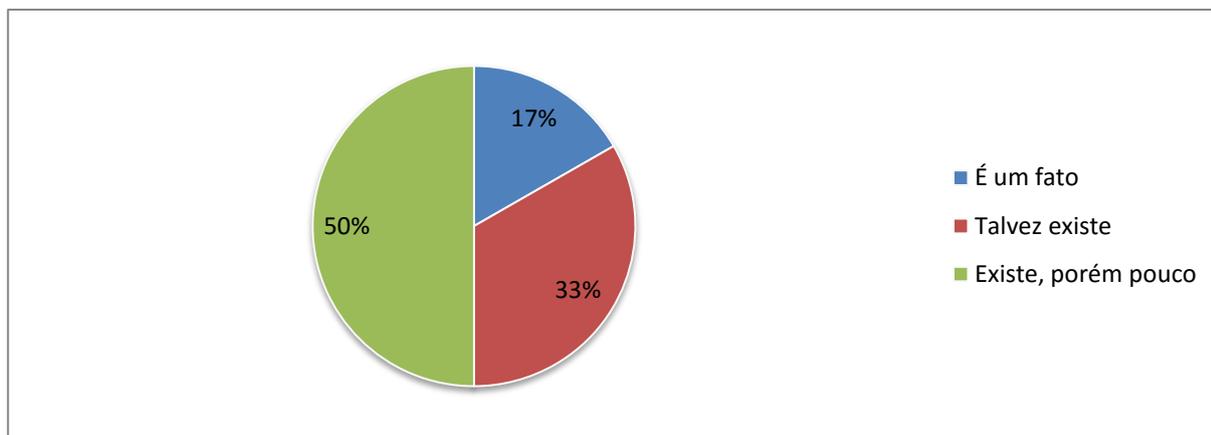
Essa padronização está relacionada às duas funções da representatividade social, quando Reis e Bellini (2011) citam Moscovici (2004) para dizer que uma dessas funções é a de convencionalizar os objetos que encontram, nesse caso, tudo que for diferente deve se adequar e adaptar ao que já existe mesmo que não se adeque exatamente ao modelo, além da outra função que seria a de que as representações são irresistíveis, pois se impõem com uma força muito grande nos indivíduos, pois ela já existe antes mesmo de pensarmos que ela existe. Essas representações são, então, compartilhadas pelos sujeitos, e acabam desenvolvendo o senso comum e influenciando o meio social.

Santos (2015) cita Martins (2010) para dizer que o papel social define as normas que devem ser seguidas, e que o comportamento dos indivíduos se adaptam a isso, fazendo com que uma visão limitada das práticas corporais seja reforçada da forma que é nos clubes e escolinhas de esporte, trazendo preconceito a partir do que está no imaginário social.

Dando maior abrangência ao preconceito, a próxima questão queria saber se eles tinham dimensão disso como um todo, ou seja, entendem que isso é algo que

realmente acontece com quem pratica a modalidade ou se eles se restringem à sua própria realidade, no clube X, estado Y e cidade Z.

Gráfico 5 - Considerando que exista preconceito, o que se encaixa melhor no seu ponto de vista?



Fonte: elaboração própria.

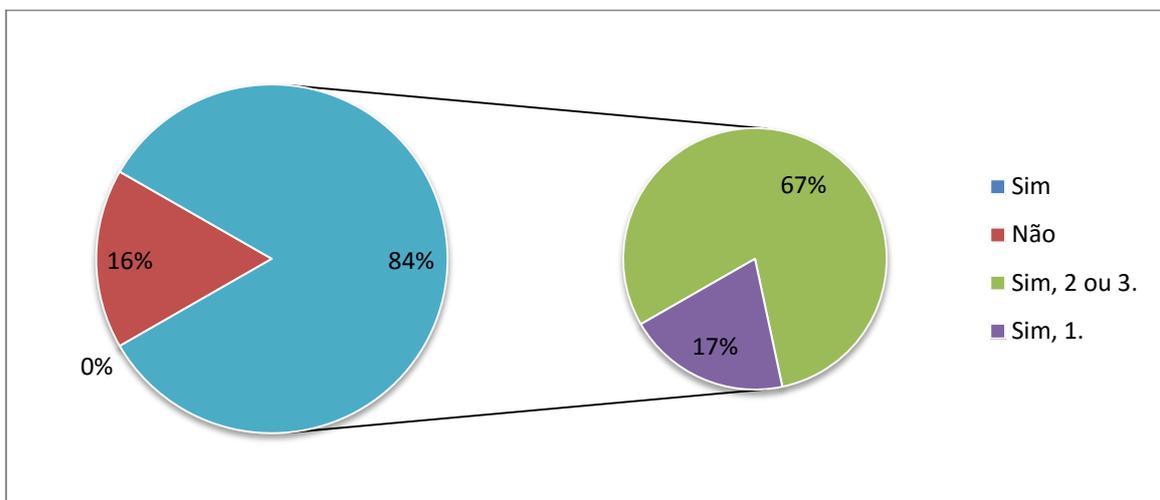
Essa questão sobre o preconceito ficou um tanto quanto contraditória. Apesar de ninguém ter marcado que “Isso é um exagero, não existe” eles tem uma visão muito limitada do quanto esse preconceito existe. “[...] por ser considerada socialmente uma prática feminina, o estereótipo e mesmo o preconceito sobre os garotos que a praticam muitas vezes os afastam da atividade [...]” (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2008, p.116). 50% afirmou que existe, porém pouco, e 33% que talvez exista. Como pode existir pouco preconceito (ou talvez existir), quando 67% deles afirmaram já ter sofrido com isso? E 100% afirmaram que esse preconceito faz com que se tenham menos meninos praticantes de GAM. Se isso impede meninos de praticarem ginástica, isso é um fato. 17% afirmou que esse preconceito existe, e é um fato.

Esse gráfico mostra então que, apesar de acharem que esse é um forte motivo de ter menos praticantes de GAM, e que grande maioria já sofreu preconceito, eles não veem isso como algo que está no imaginário social de forma negativa, que essa prática tem uma representação negativa para os homens que querem ser ginastas e o quanto isso prejudica o crescimento e evolução da modalidade no país. Koivula (2001) aponta algumas características necessárias para uma modalidade esportiva ser vista socialmente como masculina, tais como: uso direto da força corporal para atividades pesadas, projeção do corpo para dentro ou através do espaço em longas

distâncias, espírito competitivo, disciplina, devoção a equipe dentre outros. Essas características apontadas estão todas presentes na GAM, caracterizando-a como uma modalidade masculina. Koivula (2001) acredita que essas características são, talvez, expressões sociais de atributos masculinos como eficácia e potência.

Entendendo então que, esses dados poderiam refletir uma realidade específica desse clube X, e que em outros locais poderia ser diferente, sendo menos ou mais agravante, a 4ª questão queria saber se eles conhecem algum ginasta que já sofreu preconceito, já que viajam com frequência para estágios de treinamento, campeonatos, e possuem contato com ginastas de outras localidades do país, para entender se essa realidade se estende pelo Brasil.

Gráfico 6 – Conhece algum ginasta que já sofreu preconceito?



Fonte: elaboração própria.

Essa questão foi de extrema importância para entender a dimensão disso mais amplamente na sociedade e em outros lugares do país.

84% dos atletas afirmaram que conhecem ginastas que já sofreram preconceito. Isso mostra o quanto esse preconceito está difundido no país inteiro. Esses ginastas viajam constantemente para outros estados e regiões para competirem e estão em constante contato com outros ginastas. Desses que conhecem ginastas que sofreram preconceito, 67% conhecem 2 ou 3 ginastas, sendo um número alarmante considerando a pouca quantidade de ginastas que têm no Brasil. É um número limitado e pequeno de indivíduos. Esses 16% que afirmaram não conhecer é um número curioso, analisando o fato de que são do mesmo clube e têm contato com os mesmos ginastas durante as competições, então, esse número se deve, de repente,

pelo contato não tão próximo assim com outros atletas a ponto de ter conhecimento de experiências da vida do outro.

Na primeira questão qualitativa do questionário, é apontado o estudo feito em 2008 por Antunes e Reis sobre preconceito na Ginástica Artística Masculina, mostrando que 26% dos pais interfeririam na escolha da atividade física da criança se acreditasse que tal atividade pudesse interferir na orientação sexual da criança e em seguida, o que eles pensam sobre isso. Basicamente, apareceram 3 linhas de resposta.

Predominantemente, as respostas que mais traziam pontos em comum diziam que “não acredito que a atividade física interfere em sua orientação sexual”, ou que “o filho deve ter ‘livre escolha’ na sua ‘opção sexual’, pois não é o esporte que deixa o filho mais homem ou menos homem”, e apontaram “a falta de informação e bom senso dos pais que acreditam nisso”. Outras respostas traziam que “o esporte não atrapalha ou interfere na orientação sexual, mas sim ajuda em sua vida”. Também apareceu que “no passado isso era mais comum, porém, atualmente o preconceito na ginástica diminuiu” e ainda teve quem justificasse essa visão preconceituosa dos pais pela ginástica “ser um esporte que os homens precisam fazer postura e usar roupas apertadas, e que isso acabaria acarretando um pouco de preconceito, sim”. O que não faz o menor sentido, se pensarmos por esse lado, pois só reforça o estereótipo masculino de seguir o padrão heteronormativo da sociedade para não ser diferente e, conseqüentemente, sofrer com preconceito.

Em seguida, a segunda questão qualitativa pergunta se já receberam algum apelido de mau gosto associado à prática da ginástica. Quatro grupos de resposta novamente foram identificados. Um deles era que não, que nunca receberam. Outra foi que não, pois “sempre levei na esportiva”, o que quer dizer na verdade que sim, pois apesar de, aparentemente não ser algo que faziam se sentir mal, acontecia. Outros que sim, que eram chamados frequentemente de Daiane dos Santos, e outros eram confundidos com outras práticas corporais, sendo apelidados de bailarinos.

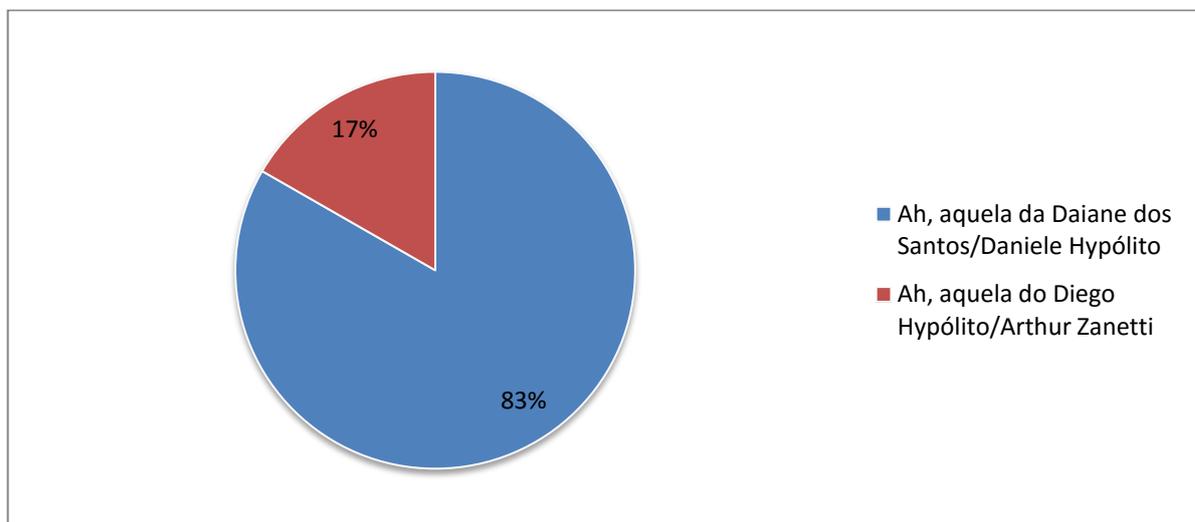
Essas respostas, além de apontar uma visão muito forte no imaginário social da GAM ser associada à GAF ou a práticas corporais que utilizam o corpo para realização de movimentos bonitos e delicados, com utilização de música e etc,

reforçam mais uma vez os estereótipos que geram uma ideologia negativa do que se pensa ser a GAM.

Continuando a análise e entendendo que a mídia dá certa prioridade à modalidade feminina da ginástica por conta de resultados expressivos alcançados na década de 2000, além de respostas anteriores indicarem alguns aspectos relevantes para a discussão ser feita.

A 7ª questão é para que se possa entender mais profundamente o que está no imaginário social quando se fala sobre o que é um atleta de ginástica, nesse caso, com que nomes midiáticos são associados e, com isso, entender melhor a sua representação social.

Gráfico 7 – Quando você diz ser atleta de GAM, qual associação é mais comum?



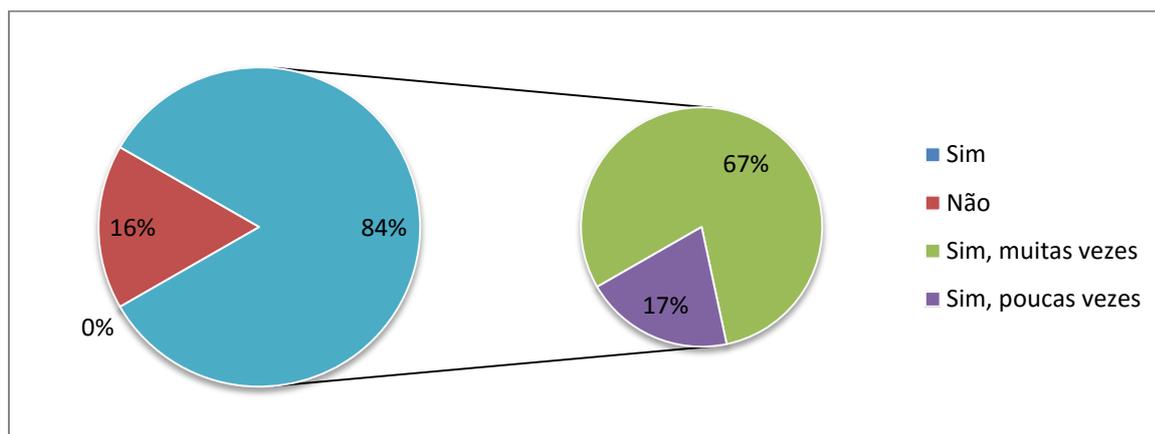
Fonte: elaboração própria.

Das 4 alternativas existentes, duas prevaleceram. Uma das duas associava à ginástica rítmica, enquanto a outra alternativa à “nenhuma das alternativas”. Pensando nessa visão, na qual a representatividade social da ginástica é predominantemente para o público feminino, 83% dos atletas disseram ter a experiência de ser associado à modalidade feminina da ginástica, que tem como principais referências no Brasil as ginastas Daiane dos Santos e Daniele Hypólito, dando a entender então, que, no imaginário social é essa a representação que se têm dos ginastas, enquanto somente 17% respondeu que é associado à modalidade masculina, que têm como principais referências no país os ginastas Diego Hypólito e Arthur Zanetti.

Durante o grupo focal, foram questionados se gostariam de fazer série de solo com música. Ninguém afirmou que gostaria, enquanto alguns acharam que “já cansa sem música, imagine com...” (Entrevistado A), outros apontaram que “não sei dançar, não tenho molejo, deixa isso só para as meninas mesmo” (Entrevistado D). No entanto, alguns disseram que gostariam de uma música de fundo, como acontece no UFC (exemplo citado pelos entrevistados).

A série de solo fazendo utilização de música é só para a GAF. A GAM não utiliza música para a série, nem movimentos coreografados, por isso a pergunta tem resultado pertinente. Dando continuidade à essa ideia, de que, no senso comum a ginástica é um esporte mais difundido para o público feminino, a 8ª questão quer saber:

Gráfico 8 – Já acharam que você competia série de solo com música?



Fonte: elaboração própria.

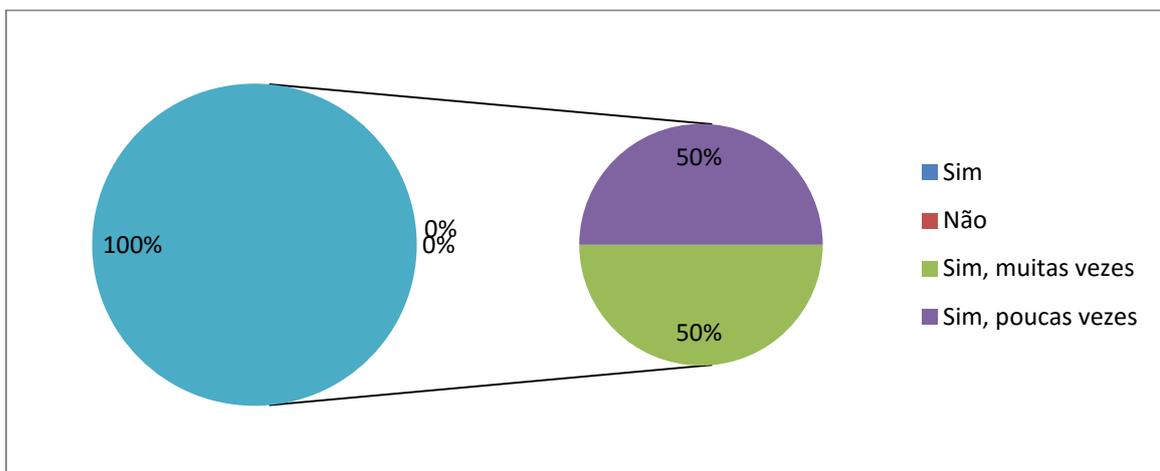
Conforme mostra o gráfico, 84% respondeu que sim, que já perguntaram se eles competiam usando música para a série de solo, que é exclusivamente para a ginástica feminina. Dentre esses 84%, 67% passou por essa experiência muitas vezes, mostrando que no meio social é isso que rodeia a visão que a sociedade têm sobre eles. 17% afirmaram que sim, porém poucas vezes. Uma das alternativas falava que “Sim, uma vez.”, mas ninguém marcou essa alternativa, enquanto 16% afirmou que não, que nunca passaram por essa experiência.

No grupo focal, foram questionados em relação à quais aparelhos mais gostam de praticar, e as respostas rodearam as paralelas simétricas, barra fixa, argolas e cavalo com alças. Nenhum deles afirmou solo ou salto (aparelhos que também são

competitivos para mulheres), e quando perguntados se gostariam de competir algum aparelho feminino logo negaram, pois consideram a trave muito perigosa para os homens (provavelmente pelo risco de queda com as pernas abertas ser muito grande e acontecer com certa frequência na GAF), e as paralelas assimétricas serem muito difíceis, que teriam muito medo de fazer a transferência de um barrote para o outro.

Possivelmente as atletas da GAF pensariam coisas semelhantes da GAM com relação a outros aparelhos, isso acontece pois não tiveram base para trabalhar nos outros aparelhos e isso lhes causa um certo desconforto. Dando continuidade à proposta da alternativa anterior, a 9ª questão queria saber:

Gráfico 9 – Já perguntaram se você fazia trave?



Fonte: elaboração própria.

Esse dado foi ainda mais alarmante que o anterior. Por quê? O solo ser confundido com o feminino é de certa forma, até “aceitável”, afinal, o solo também é um aparelho masculino, mas aqui a coisa se agrava. A trave é um aparelho exclusivamente feminino, e essa questão apontou que 100% dos atletas responderam que já foram questionados se faziam trave. Desses, 50% disse que sim, muitas vezes, enquanto os outros 50% que sim, poucas vezes. As outras alternativas apontavam pra “Sim, uma vez”, ou “Não, nunca.”

A trave e o solo serem confundidos mostra claramente como isso é forte no imaginário social, o quanto esses atletas tem sua prática esportiva confundida com a feminina por isso estar tão forte no senso comum, fazendo com que a

representatividade social da GAM seja considerada, por muitos, semelhante a da GAF.

No grupo focal, foi apresentada uma afirmação que diz respeito a atividades físicas que são socialmente designadas mais para um sexo que para outro. Nela, dizia que não se deve privar nenhuma atividade física para sexo específico pois o corpo deve experimentar diferentes sensações e práticas que despertam sensações únicas, e eles deviam dizer se concordavam ou não com essa afirmativa. “Você pode repetir a pergunta? Falou muito de sexo aí eu me perdi na pergunta” (Entrevistado A), quando eu ia explicar, outro se voluntariou “Tipo assim, oh, se você acha certo que no ballet só pode ter menina e no futebol só pode ter menino” (Entrevistado C). A resposta imediata foi “Ah, eu acho que no ballet só pode ter mulher” (Entrevistado E) logo, outros se contrapuseram e começaram um diálogo:

“ – Ah, não, eu acho que cada um deve fazer o que vai se sentir bem, mesma coisa de quem acha que a gente é viado. (Entrevistado C)

– Eu acho que cada um deve fazer o que leva jeito... É mais fácil pro homem fazer esporte que precisa de mais força e tal, como o ballet seria pra mulher por ter mais essa coisa postural que a mulher já tem por conta própria. (Entrevistado B)

– Mas não impede. (Entrevistado D)

– Não, não impede. Cada um faz o que quer. (Entrevistado B)

– É depende porque tem homem que faz ballet e é muito bom. (Entrevistado F)

– Por exemplo no Japão tem homem que faz GR tão bem quanto, se não melhor” (Diálogo entre entrevistados).

Esses atletas fazem parte de um grupo muito pequeno no Brasil, visto que existem pouquíssimos atletas de alto rendimento da modalidade, e muitos deles sofrem com preconceito (67% afirmou já ter sofrido preconceito no gráfico 4, e 84% conhece outros ginastas que já sofreram no gráfico 6), e ainda assim reforçam, por vezes o preconceito, como por exemplo quando acham que o ballet é um esporte que deve ser pra mulheres. Isso mostra o quanto é forte no imaginário social, e como essa reprodução do senso comum acontece, muitas vezes sem nem eles mesmos perceberem, referenciando a heteronormatividade, na qual os homens são mais fortes e não podem ser delicados, enquanto as mulheres já tem isso naturalmente.

O que deve ser pensado nessa fala é, se as mulheres tem essa delicadeza naturalmente, ou se isso é construído socialmente e reproduzido no senso comum a partir dessa ideologia que divide quais atividades cada individuo deve fazer. Tanto as mulheres quanto os homens podem (e devem) trabalhar com o corpo da forma que quiser, com movimentos delicados ou fortes, bonitos ou agressivos, pois isso está em constante transformação. Se privar de praticar ou admirar qualquer esporte por ser socialmente mal visto é deixar de ter vivências corporais únicas. Isso não é algo que deve acontecer com nenhum indivíduo, visto que todos cidadãos são livres.

Aproveitando que falaram sobre a Ginástica Rítmica (GR), logo foi inserida a próxima questão, que dizia “A Ginástica Rítmica é uma modalidade formada oficialmente só por mulheres. Vocês acham que devia ser masculina também? Uma vez que já existem diversos homens praticando pelo mundo todo.” (Entrevistador) e as respostas foram aparecendo novamente em um diálogo.

“ – Eu acho que se tiver público suficiente e atleta suficiente pra uma competição de alto nível, sim, pra não chegar e o pessoal não conseguir nem fazer. (Entrevistado B)

– Eu acho que tem que, tipo, disseminar mais o esporte pelo mundo, porque oficialmente pelo que a gente saiba só tem no Japão. (Entrevistado F)

– Eu nem sabia que tinha GR pra homem. (Entrevistado D)” (Diálogo entre entrevistados).

Nessa questão já deixaram um pouco de lado a visão heteronormativa da pergunta anterior para pensarem no esporte como um todo, sem verem problema caso viesse a se tornar uma modalidade competitiva para homens, mas pensando exclusivamente no padrão competitivo de rendimento, onde só valeria a pena caso o público fosse suficiente para alto nível, logo, esquecendo que os esportes vão evoluindo e se transformando com o passar dos anos.

A própria GA, se analisarmos, 30 anos atrás o que era apresentado em uma olimpíada, provavelmente não seria competitivo para os padrões atuais, devido à evolução que o esporte teve, seja pela massificação, seja pela evolução da ciência e da tecnologia.

No grupo focal, foram questionados se existe algo que gostariam de mudar na GAM. Todos gostariam de retirar os aparelhos que não são especialistas, ou que menos se

identificam. Além disso, apontaram para: “mais vagas em competições” (isso porque em mundiais só são permitidos 6 atletas por equipe, e em olimpíada 5).

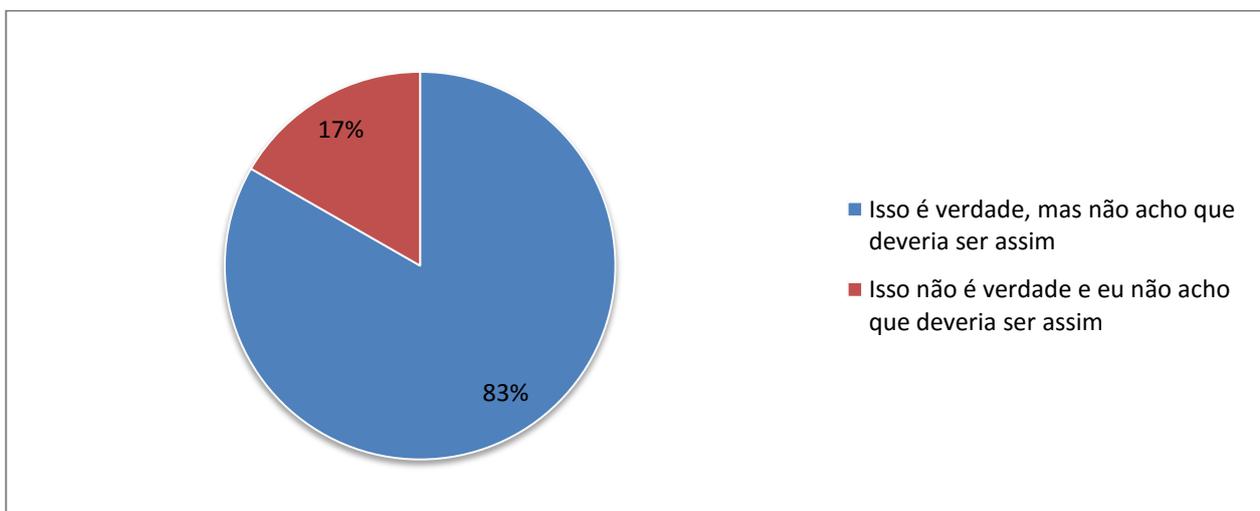
Por conta disso, muitos deles ficam de fora de competições muito importantes, pois no Brasil tem um número relevante de ginastas competitivos internacionalmente. E assim, muitos deles não são selecionados dentre os escolhidos para formar a equipe principal, apesar de, em alguns casos, estarem mais preparados que outros que acabam competindo por outros países.

Além disso, disseram que “não gostaria que existisse o Uchimura” (ginasta japonês que já ganhou olimpíadas e mundiais consecutivos, ano após ano), e que “tivessem mais competições”.

Perguntei se consideravam a idade de 18 anos ideal para o início da categoria adulta (no feminino, a partir de 16 anos as ginastas competem na categoria adulta), e disseram que não, que acham 18 uma idade boa, pois no masculino os ginastas continuam a evoluir muito após os 18 anos, e que acabam tendo mais tempo no juvenil para chegarem mais preparados no adulto.

A partir da 10ª questão, foram utilizadas afirmações para que eles opinassem. Basicamente deveriam marcar se concordavam ou não, e se achavam necessário mudar ou não.

Gráfico 10 – A ginástica Artística, uma modalidade que surgiu tipicamente masculina, com o passar dos anos se tornou um esporte mais difundido (pela sociedade) para o público feminino.



Fonte: elaboração própria.

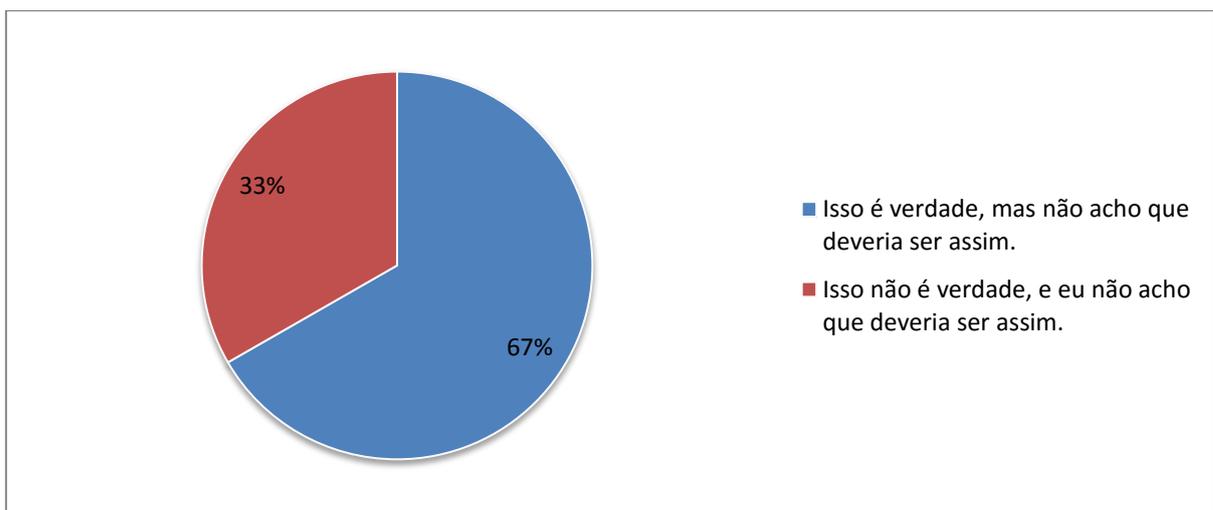
Essa questão tinha o propósito de analisar se os ginastas estão cientes dessa valorização da ginástica feminina, sendo que surgiu, exclusivamente para os homens. 83% afirmou que isso é verdade, mas que não acham que deveria ser assim, obviamente. Os outros 17% também não acharam que deveria ser assim, sendo unânime essa opinião, sendo que 17% não consideram que seja uma modalidade mais difundida pela sociedade para o sexo feminino.

Essa resposta é curiosa quando pensamos que 100% responderam que acham que existem mais ginastas do sexo feminino pelos homens sofrerem preconceito com a prática da ginástica, além de 100% já ter passado pela experiência de perguntarem se fazem trave (aparelho exclusivamente feminino), sendo então uma contradição encontrada nas respostas entre essa questão e a 1ª e 9ª do questionário.

Sendo a atividade física mais antiga e que surgiu na pré-história, é claro que sofreu grandes mudanças e teve uma evolução drástica, pois além do seu intuito inicial ser preparar jovens para o exército, a ciência do esporte evoluiu muito.

A resposta deles identifica claramente então, uma insatisfação com o cenário da GAM no Brasil, com uma porcentagem grande de respostas que não concordam que seja assim.

Gráfico 11 – O destaque que a mídia dá para a GAF é consideravelmente maior que para a GAM.



Fonte: elaboração própria.

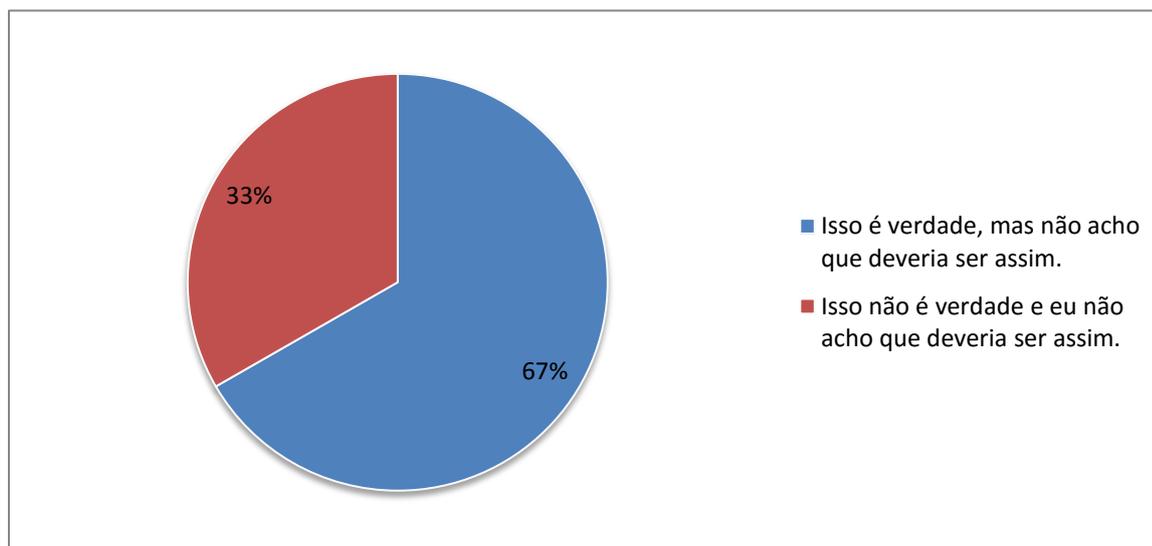
Buscando compreender melhor o motivo da ginástica ser uma modalidade mais difundida para o público feminino, a 11ª questão traz a afirmativa de que a mídia dá mais destaque para a GAF.

67% disse que isso é verdade mas que não acha que deveria ser assim. Enquanto isso, 33% não acha que isso seja verdade, mas também não acha que deveria ser assim. Ou seja, apesar de um pequeno número discordar que isso seja verdade, 100% deles acreditam que não deveria assim.

É estranho pensar que a GAM tem menos visibilidade que a GAF atualmente, já que quem tem grandes nomes atualmente é a ginástica masculina. Isso ainda é reflexo do grande crescimento que GAF teve a partir de 2001, que fez com que o público se apaixonasse pela modalidade e tivesse grande interesse e paixão em acompanhar, enquanto a masculina está proporcionando isso mais recentemente com os títulos que vem conquistando, e conseqüentemente mais adeptos no país, no entanto, é uma transformação que será gradativa, pois envolve o gosto e o prazer do telespectador de acompanhar e torcer, sendo uma transformação social.

Dando seqüência ao questionário, essa visão mais difundida pelas provas femininas afetaria a forma como as pessoas julgam ser a GAM? Os ginastas acreditam que sim.

Gráfico 12 – Uma visão mais difundida da sociedade pelas provas femininas da ginástica afeta a forma como as pessoas julgam ser a GAM.



Fonte: elaboração própria.

67% respondeu que sim, que isso é verdade. No entanto discordam de que deveria ser assim, enquanto 33% não acha que isso seja verdade e também não acham que deveria ser assim, sendo então, 100% deles discordando com a forma que as pessoas julgam ser a GAM.

Esses dados reforçam os estudos apresentados no início da discussão dos resultados, de que eles estão, constantemente, reafirmando a ideia de que a ginástica é um esporte para homens.

Outros dados encontrados durante o questionário fortalecem essa questão, quando eles disseram, por exemplo, que já foram questionados se faziam solo com música, série de trave e também quando são associados à estrelas da ginástica feminina do Brasil, como Daiane dos Santos e Daniele Hypólito.

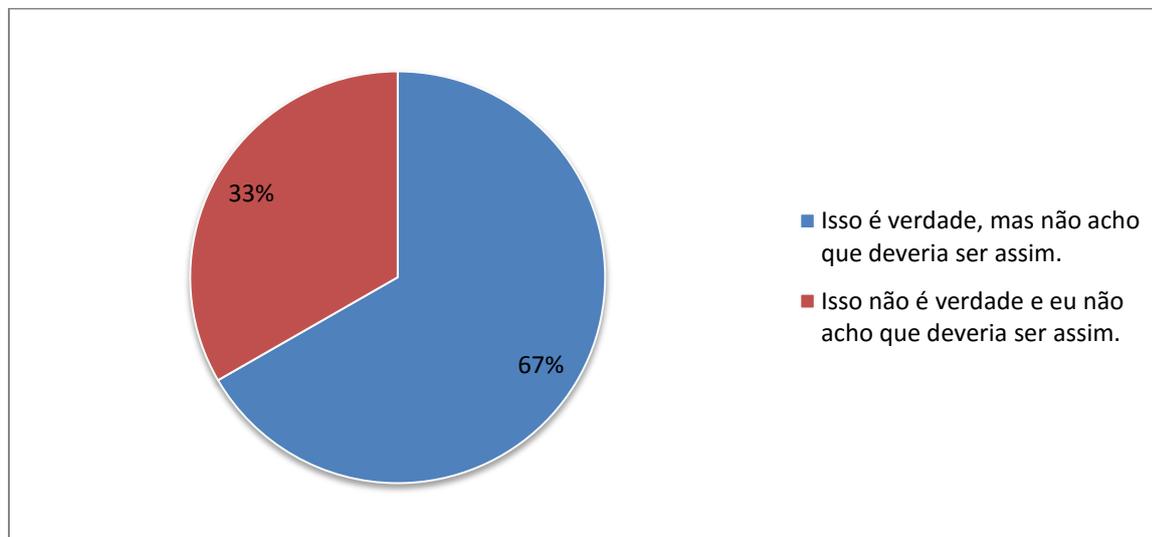
Informações como essa também servem para entender o gráfico apresentado com a comparação no número de participantes do sexo masculino e feminino em torneios nacionais e campeonatos brasileiros, pois isso é um reflexo da visão que a sociedade tem de quem deve praticar ginástica ou não, uma coisa acarretando e então, agravando a outra, gerando dificuldades para aumentar o número de atletas da GAM desde a base até que permaneçam ativos nas categorias juvenil e adulta, pois mesmo depois de iniciar a modalidade, se torna um desafio se manter e continuar nela.

Essas informações são analisadas pelos ginastas na questão seguinte, quando esse dado é apresentado e uma das justificativas é a visão preconceituosa da sociedade com os ginastas, ou também pela supremacia do futebol no Brasil.

Koivula (2001) afirma que, um esporte, para ser considerado como masculino, deve ter a sua função na sociedade para que reforce um sentido de separação entre homens e mulheres.

Em seguida, ela ainda cita o futebol americano como uma modalidade esportiva que exemplifica tradicionalmente essa divisão. Isso, pois, reforça a designação das atividades que são apropriadas para os homens e inapropriadas para as mulheres, visto que o futebol americano é uma modalidade que conta com uma das características a brutalidade, muito contato físico e agressividade.

Gráfico 13 – Hoje, no Brasil, existe um número maior de participantes mulheres do que de homens. Diversos aspectos podem ter influenciado isso, seja pela supremacia do futebol, seja pela visão preconceituosa com o homem ginasta.



Fonte: elaboração própria.

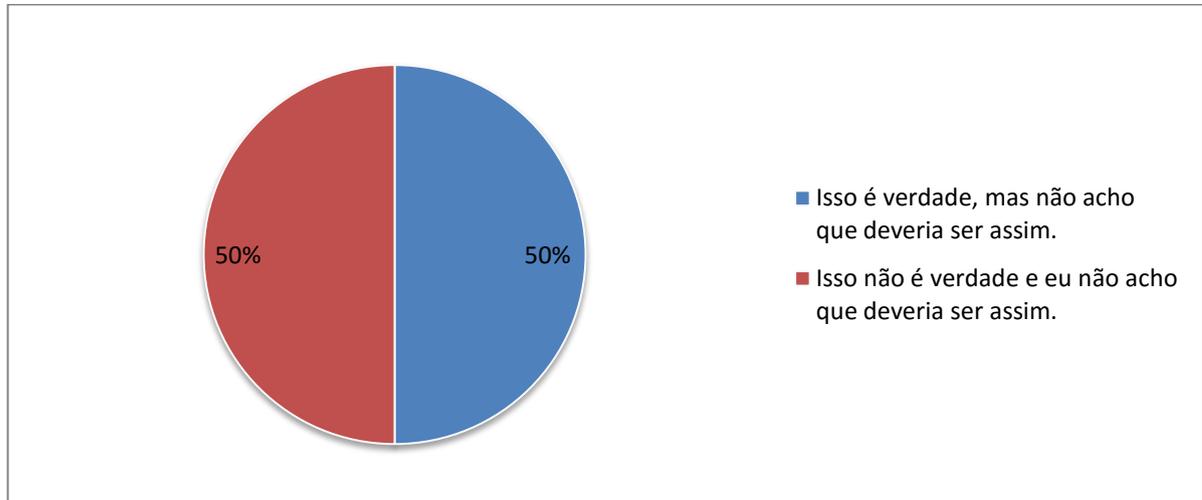
67% concordou que entre os aspectos que influenciam um número maior de mulheres na ginástica do que de homens, está a supremacia do futebol e o preconceito com o homem ginasta. Esses mesmos 67% juntamente com os outros 33% não acham que deveria ser assim, apesar de 33% discordar dessa ideia de que esses são fatores que influenciam no maior número de praticantes de GAF.

A porcentagem que discordou entra em contradição com dados obtidos nas questões anteriores, tais como: 100% deles acredita que a GAM tem menos praticantes que a GAF, logo, já descaracterizaria essa informação como falsa.

A supremacia do futebol é algo que influência muito no número reduzido de atletas de GAM, pois muitas crianças crescem sonhando em ser jogadores do futebol, pois sonham em ter uma qualidade de vida que esses jogadores têm, além dos pais influenciarem mais os filhos a praticarem esse esporte desde criança, comprando bolas de presente de aniversário, e isso se faz presente na vida deles, e é reforçado na escola, sobrando menos espaço para qualquer outra modalidade esportiva, seja a ginástica ou o basquetebol, por exemplo.

A última questão desse modelo de análise das frases é a de número 14 seguindo a mesma linha de raciocínio das anteriores.

Gráfico 14 - No Brasil, a ginástica foi e ainda é um esporte praticado predominantemente pelas mulheres, por ser uma modalidade que enaltece a beleza dos movimentos.



Fonte: elaboração própria.

50% concorda que a ginástica é um esporte mais praticado pelas mulheres por ser uma modalidade que enaltece a beleza dos movimentos, entretanto, não concordam que deveria ser assim. Os outros 50% também não acham que deveria ser assim, e discordam dessa ideia.

A discordância pode vir por diversos fatores, seja por já terem dito que acreditam que isso acontece pois existe preconceito com homens praticantes de GAM, seja por não acreditarem que é um esporte praticado predominantemente pelas mulheres, dado que foi apresentado no Gráfico 1 e 2. Que 100% não concorda que deveria ser assim, isso é um fato. Não existem motivos para que quisessem que fosse assim, afinal, eles sofrem com isso.

Dando seguimento à essa ideia da ginástica ser um esporte que enaltece a beleza e movimentos e conservam um modelo europeu como apontado na revisão de literatura, perguntei durante o grupo focal se achavam que a ginástica ainda é um esporte muito tradicional, que mantém muitas características do meio do século passado. Os atletas discordaram, apontando que é um esporte que vem se transformando muito, levantando a questão de que os uniformes, hoje, são mais coloridos que antigamente, e ainda trazendo que os movimentos estão cada vez mais complexos, e que “quando você acha que já faz muito, aparece alguém fazendo ainda mais, e melhor.” (Entrevistado B)

Para finalizar, o questionário possuía a terceira e última questão qualitativa. Ela trazia: “A GAM, no Brasil, se encontra em um nível mais elevado que a feminina, visto a queda de rendimento e falta de renovação no ultimo ciclo olímpico (2009 – 2012). Além disso, a GAM tem semelhanças com modalidades que são consideradas socialmente como masculinas, tais como a força, coragem, disciplina. Porque você acha que ainda assim a ginástica feminina tem mais adeptos no país?”.

Essa foi a questão utilizada para finalizar a pesquisa, depois que passassem por todas as outras questões e fizessem uma reflexão do que foi apresentado à eles e o que isso já teria remetido de suas lembranças pessoais, as respostas foram as mais diversas. Muitos acreditam que devido aos títulos que a GAF conquistou no passado, fez com que tivessem muita divulgação na mídia.

A GAF nos últimos 20 anos conquistou resultados surpreendentes para um país sem tradição e grandes nomes apareceram na mídia. Como Luisa Parente (medalhas em pan-americanos), Daniele Hypólito (vice-campeã mundial e 4ª ginasta mais completa do mundo em 2001), Daiane dos Santos (Campeã Mundial em 2003), Jade Barbosa (3ª melhor ginasta do mundo em 2007), Flávia Saraiva (Campeã Olímpica dos Jogos Olímpicos da Juventude em 2014).

Alguns dos que apontaram a mídia como motivo de grande impacto para essa visão no imaginário social, trouxeram que o esporte se resume a futebol, e que qualquer modalidade diferente dessa, acaba causando estranheza.

Essa ideia acaba inibindo outros esportes, fazendo com que todo garoto queira ser jogador de futebol, enquanto as meninas acabam se espelhando em outros esportes, como a ginástica por exemplo, que é “uma modalidade com beleza de movimentos e com uma graciosidade” (Questionário).

Isso tudo junto acaba causando preconceito e a GAM, conseqüentemente, acaba não sendo reconhecida como deveria ser. Apontaram também que isso vem mudando desde que o Arthur Zanetti ganhou visibilidade nacional, contribuindo para o crescimento da modalidade no Brasil. Isso é verdade, e além disso, o surgimento de novas promessas nacionais, tais como Arthur Nory e Sérgio Sasaki, que vem conquistando resultados expressivos internacionalmente e se firmando como atletas competitivos.

Então, no grupo focal, questionei se achavam que era possível minimizar o preconceito social que existe com a GAM, e de que forma isso poderia acontecer.

“ – Eu acho que já vem diminuindo já, é pela própria mídia que agora tá mostrando de outra forma, que antes era só a Daiane... (Entrevistado B)

– É que antes o feminino tinha mais destaque, né. (Entrevistado D)

– Hoje em dia o masculino tá mais forte. (Entrevistado F)

– A mídia tá dando mais atenção ao masculino e com isso tá diminuindo bastante, até mesmo pelo Arthur. (Entrevistado B)

– Sim, ainda mais com o Arthur, porque o feminino tem muita postura, toda aquela classe, enquanto o masculino tem o Arthur, que é bem forte, todo bruto, faz um aparelho de força, acho que já dá um ‘bagulho’ meio masculino, então fica melhor, entendeu. (Entrevistado A)” (Diálogo entre entrevistados).

Então, o que os ginastas apontaram foi que esse preconceito já está reduzindo pelo auxílio da mídia em mostrar mais competições masculinas por conta do destaque do Arthur Zanetti, e que ele em si já ajuda a desconstruir essa visão do imaginário social da ginástica ser uma modalidade feminina, pois ele segue um padrão mais “masculinizado”, com isso quero dizer, heteronormativo, no qual o homem é mais bruto e forte, sendo então, ‘melhor assim’ para eles, pois serão conseqüentemente mais aceitos no meio social, transformando o senso comum gradativamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o resultado do questionário e do grupo focal, além dos dados históricos da ginástica artística, bem como dos estudos que fundamentaram teoricamente esta pesquisa, referentes ao gênero e à representatividade social pode-se constatar que, a partir da visão dos atletas de GAM, eles são vistos de forma equivocada pela sociedade, e isso está ligado à diversos fatores, dentre eles a uma ideologia negativa social presente na vida dos meninos praticantes de ginástica, e isso vem desde a formação dos indivíduos sociais na educação que vem dos pais, fazendo com que esses meninos sofram direta ou indiretamente uma discriminação por não fazer uma modalidade esportiva tradicional para o que é aceito dentro do padrão heteronormativo da sociedade.

Além disso, o que se identifica pela fala deles é uma ideia de que existe o preconceito, mas não necessariamente é uma coisa que os afeta fortemente e de maneira negativa, pois, por serem atletas de alto nível e estarem presentes na mídia, adquiriram um status diferenciado minimizando seus efeitos. No entanto, eles declararam que possivelmente esse preconceito social faz com que tenham mais ginastas na GAF do que na GAM.

Isso se torna evidente quando, involuntariamente, os atletas reafirmaram constantemente que a ginástica é uma modalidade masculina, e, diante dos dados captados, isso se deve provavelmente às experiências vividas durante todos os anos em que se dedicaram ao esporte.

O que devemos colocar em questão é que a sociedade possui um conhecimento muito limitado do que é a ginástica artística, tendo uma visão claramente influenciada pela mídia. Durante muitos anos somente as ginastas do sexo feminino tinham destaque internacional, fazendo com que a sociedade julgasse que essa atividade não é ideal para os meninos, já que reforça as convicções do que estão presentes no senso comum: homens fazendo atividades de muito contato físico, agressividade, força, enquanto as mulheres praticariam esportes que usam a beleza dos movimentos, de menos contato, mais civilizados,

Em outros estudos encontrados, foi identificado que escolinhas e clubes apresentam e reforçam a divisão de atividades divididas para cada sexo, dificultando a superação da visão desse conteúdo como atividade tanto para homens quanto para

mulheres, além de afastar muitas crianças que gostariam de fazer a modalidade, mas que não o fazem porque não seriam vistos de maneira positiva.

Dessa forma, a representatividade social dos atletas está diretamente ligada ao imaginário social presente no senso comum, a partir da ideologia do que são atividades para homens e atividades para mulheres, e isso faz com que tenham seu papel social julgado de forma precipitada quando pensamos que a GAM tem características bem diferenciadas em relação à GAF.

Um possível recurso para reverter esse quadro, é que essa visão seja mudada de forma que a sociedade seja apresentada à GAM mais profundamente e tenham conhecimento do que diverge a modalidade masculina da feminina, além de minimizar essa divisão de modalidades esportivas por sexo desde as escolinhas até mesmo dentro das aulas de Educação Física na escola para que as crianças sejam apresentadas a maior quantidade possível de experiências corporais e possam escolher livremente qual praticar, sem que sejam influenciadas de acordo com o que está no imaginário social.

REFERENCIAS

- AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2005. Disponível em: <<http://www.feis.unesp.br/Home/DTADM/STDARH/EquipedeDesenvolvimento/educa/caosaude/documentos/pesquisa/estatistica/escalas.doc>>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- ANTUNES, Heverton; REIS, Bruna. Preconceito aos meninos na pratica da ginástica artística. **Movimentum – Revista Digital de EF**. Ipatinga – MG. V.3 – N. 1. Fevereiro, 2008. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/1841/artigo/boletimef.org_preconceito-aos-meninos-na-pratica-da-ginastica-artistica.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2016.
- ALMEIDA, Daniel. Gênero, sexo e sexualidade enquanto clichês: Relendo citações de a face e o verso, de Jurandir costa. **Revista Litteris**. V.2. 2013. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_12_Genero_sexo_e_sexualidade_enquanto_cliches_DANIEL_MAZZARO_VILAR_DE_ALMEIDA.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.
- AZZONI, Janaina. Ginástica Artística é a modalidade mais antiga. **Livresportes**, São Paulo/SP, 22/07/2011. Disponível em: <<http://www.livresportes.com.br/reportagem/ginastica-artistica-e-a-modalidade-mais-antiga>>. Acesso em: 22 ago. 2015.
- BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, v. 35, n. 4, p.438-42, 2011. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/136/179>>. Acesso em: 23 abr. 2016.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998. Disponível em: <https://feid.ufg.br/up/73/o/Texto_112_-_A_janela_de_vidro_Esporte__Televis__o_e_Educa___o_F__sica_-_Mauro_Betti.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2016.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, v. 2, n. 1, p.68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- CAVALCANTI, Kátia; BASSOLI, Paulo. **O fenômeno esportivo e o papel da concepção histórico-dialética**. Santa Catarina. 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19615/17944>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Resultados Nacionais**. Aracaju, 2011-2015. Disponível em: <<http://www.cbginastica.com.br/ginastica-artistica>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

COSTA, Ana; RIBEIRO, Paulo. Sexualidade e relações de gênero: a formação docente em questão. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a11.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

CROCHIK, José. **Preconceito, indivíduo e cultura**. Casa do Psicólogo. 2006.

DEL VIGNA, Eugênia. **Conhecendo a ginástica olímpica**. Disponível: <http://ginasticas.com.br/conteudo/cont_artigos_02.html>. Acesso em: 15 de Setembro de 2015.

DUVEEN, Gerard. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em Desenvolvimento. In: **Textos em Representações Sociais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p.261 – 293.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. p 207. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj-iNGH9IHNAhUHjZAKHVUID2kQFggwMAM&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkq%2Fgroups%2F19003918%2F529456292%2Fname%2FGOELLNER%2C_S._V..p ptx&usg=AFQjCNF6x9L1trGxLoUG35EborDIPmicjw&sig2=bBfKS-3LevEnO0WYsKnnuA>. Acesso em: 30 ago. 2015.

GOELLNER, Silvana. A Educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p.71-83, mar. 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105085/000787066.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

JUNGES, Rafaela. **Meninos que brincam com bonecas viram meninas?** Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia. UNIVATES. 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/712/1/2014RafaelaJunges.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

KOIVULA, Nathalie. **Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, feminine and masculine**. Journal of Sport Behavior. USA. 2001. Disponível em: <<http://www.biomedsearch.com/article/Perceived-characteristics-sports-categorized-as/80565123.html>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

LARA, Larissa Michelle. **Os corpos pedem passagem**. Revista Digital. EF deportes. Buenos Aires. Ano 3. n.11 Outubro. 1998. Disponível: <<http://www.efdeportes.com/efd11/danca1.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

LOPES, Fabio. Masculinidade(s): reflexões em torno de seus aspectos históricos, sociais e culturais. **Contemporâneos – Revista de artes e humanidades**. N.8. 2011. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/masculinidadesreflexoes.PDF>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a01v10n1>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro, 1959.

MORAES, Denis. Imaginário social e hegemonia cultural. **Acessa mais comunicação**. Julho 2002. Disponível em: <<http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>>. Acesso em: 29 out. 2015.

FERES NETO, Alfredo. **A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte**: Suas Influências na Vivência Lúdica com a Criança, em Especial com o Brinquedo. *Motrivivência*. Dezembro 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5661/20452>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phoerte Editora, 2008. P 9 - 14.

PAOLIELLO, Elizabeth. **Os Campos de Atuação da Ginástica**: A história da Ginástica. CEAP. [20--]. Disponível: <<http://www.ceap.br/artigos/ART13022011150403.pdf>>. Acesso em: 13 de Novembro de 2015.

PEREIRA, Sissi Aparecida Martins; MOURAO, Ludmila. **Identificações de gênero**: jogando e brincando em universos divididos. *Motriz*, Rio Claro, v. 11, n. 3, p.205-210. 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/14SIS.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PETRY, Analídia; MEYER, Dagmar. 15. **Transexualidade e heteronormatividade**: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p.193-198, 2011. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=682851&indexSearch=ID>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

PUBLIO, Nestor. Origem da Ginástica Olímpica. In: NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phoerte Editora, 2008. P 16 - 24.

REIS, Sebastiana; BELLINI, Marta. **Representações sociais**: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences Maringá, v. 33, n. 2, p.149-159, 2011. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/10256/pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

RIBEIRO, Priscila; OLIVA, João. **Aspectos motivacionais que contribuem para a permanência na prática de Ginástica Artística**. [21--]. Disponível em:

<http://www.pucrs.br/research/salao/2008-IXSalaoI/index_files/main_files/trabalhos_sic/ciencias_saude/educacao_fisica/61493.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

RODRIGUES, William; et al. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, v. 90, 2006. Disponível em:

<http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

ROSA, Marcelo Victor. **Educação física e homossexualidade**: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos. Dissertação (Mestrado em Educação física).UFSC. Florianópolis. Mar. 2004 Disponível em:

<<http://www.cds.ufsc.br/mestrado/TESE%20Marcelo%20Victor%20da%20Rosa%20defendido%20em%2011%20mar%202004.pdf>> Acesso em 31/03/2016

SANTOS, Vanderson. **Dança X Masculinidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Faculdade Católica Salesiana de Vitória. Vitória. Jun. 2015.

SANTOS, Willian. **Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda**. 2007. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwivntPL-IHNAhUEE5AKHXNqC4EQFgggtMAI&url=https%3A%2F%2Fonline.unisc.br%2Fseer%2Findex.php%2Fbarbaroi%2Farticle%2Fdownload%2F140%2F573&usg=AFQjCNHvVC74XIWxueALp2RXYphsWS8gBA&sig2=BCrVFb7kA1waN49hgu85Lg>>. Acesso em: 14 set. 2015

SAWASATO, Yumi. Prefacio. In: NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phoerte Editora, 2008. P 7.

SERBENA, Carlos. **Imaginário, ideologia e representação social**. Dez, 2003.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1944/4434>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SOARES, Carmen L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUZA, Elizabeth. **O universo da ginástica**: Evolução e Abrangência. Maceió. 1998. Disponível: <http://ginasticas.com.br/ginasticas/gin_historia.html>. Acesso em: 15 de Setembro de 2015.

TSUKAMOTO, Mariana; KNIJNIK, Jorge. Ginástica artística e representações de masculinidade no Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. P 72 - 76. São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1500/1125>>. Acesso em: 04 out. 2015.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco. A Construção do Gênero no Espaço Escolar. **Movimentum – Revista Digital de EF**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p.59-80, janeiro/abril de 2006. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjymIGs-YHNAhVDEpAKHZifCCkQFgglMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2FMovimento%2Farticle%2Fdownload%2F2891%2F1527&usg=AFQjCNFTOr9wzq50kzAuWcxFHzkusLEJZw&sig2=Kgjyqo2lep980F8xCJ2-_A>. Acesso em: 05 nov. 2015

WOOJUN, Lee; CUNNINGHAM, George B. **Gender, Sexism, Sexual Prejudice, and Identification with U.S. Football and Mens Figure Skating**. Springer Science. New York. 2016. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11199-016-0598-x>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS DOS ATLETAS DE GAM:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.

Aluno: Walmy Pereira da Silva Junior

Orientadora: Talita Cristina Garcia.

Faculdade Católica Salesiana de Vitória

Marque X nas objetivas e escreva nas discursivas.

1. Porque você acha que no Brasil tem mais praticantes de GAF que de GAM?

- a) Pois as pessoas tem preconceito com homens praticantes de Ginástica.
- b) Pois a GAM tem 2 aparelhos a mais que a feminina, sendo então mais caro.
- c) Pois a GAM não tem música.
- d) Pois a ginástica é um esporte para mulheres.

2. Você já sofreu preconceito por ser praticante de GAM?

- a) Sim, muitas vezes.
- b) Sim, mais de uma vez.
- c) Sim, pelo menos uma vez.
- d) Não.

3. Considerando que exista preconceito com os homens na prática da ginástica artística, qual alternativa se encaixa melhor no seu ponto de vista?

- a) Um exagero, isso não é verdade.
- b) Talvez exista.
- c) Existe, porém pouco.
- d) É um fato.

4. Conhece algum ginasta que já sofreu preconceito?

- a) Sim, mais de 4.
- b) Sim, 2 ou 3.
- c) Somente 1.
- d) Não.

5. Uma pesquisa feita em 2008 mostra que 26% dos pais interfeririam na escolha da atividade física da criança se acreditassem que tal atividade pudesse influenciar na orientação sexual da criança. O que você acha disso?

6. Já te deram algum apelido de mau gosto associado à prática da ginástica? Qual?

7. Quando você diz que é atleta de GAM, que associação é mais comum?

- a) "Ahhhh, aquela da: Daiane dos Santos/Daniele Hypolito."
- b) "Ahhhh, aquela do Diego Hypolito/Arthur Zanetti."
- c) "Ahhhh, aquela que tem aquelas fitas? (Ginástica Ritmica)"
- d) Nenhuma das alternativas.

8. Já acharam que você competia série de solo com música?

- a) Sim, muitas vezes.

- b) Sim, poucas vezes.
- c) Sim, uma vez.
- d) Não.

9. Já perguntaram se você fazia trave?

- a) Sim, muitas vezes.
- b) Sim, poucas vezes.
- c) Sim, uma vez.
- d) Não.

Julgue as afirmações a seguir e marque a alternativa mais próxima do seu ponto de vista:

10. A ginástica Artística, uma modalidade que surgiu tipicamente masculina, com o passar dos anos se tornou um esporte mais difundido (pela sociedade) para o público feminino.

- a) Isso é verdade, mas não acho que deveria ser assim.
- b) Isso é verdade e eu acho que deveria ser assim.
- c) Isso não é verdade, e eu não acho que deveria ser assim.
- d) Isso não é verdade, mas acho que deveria ser assim.

11. O destaque que a mídia dá para a GAF é consideravelmente maior que para a GAM.

- a) Isso é verdade, mas não acho que deveria ser assim.
- b) Isso é verdade e eu acho que deveria ser assim.
- c) Isso não é verdade, e eu não acho que deveria ser assim.
- d) Isso não é verdade, mas acho que deveria ser assim.

12. Uma visão mais difundida da sociedade pelas provas femininas da ginástica (que conservam um modelo estético europeu, inspirado no balé e na dança com movimentos leves e graciosos) afeta a forma como as pessoas julgam ser a GAM.

- a) Isso é verdade, mas não acho que deveria ser assim.
- b) Isso é verdade e eu acho que deveria ser assim.
- c) Isso não é verdade, e eu não acho que deveria ser assim.
- d) Isso não é verdade, mas acho que deveria ser assim.

13. Hoje, no Brasil, existe um número maior de participantes mulheres do que homens. Diversos aspectos podem ter influenciado isso, seja pela supremacia do futebol (que faz com que todos os meninos sonhem em ser jogadores de futebol desde crianças), seja pela visão preconceituosa com o homem ginasta.

- a) Isso é verdade, mas não acho que deveria ser assim.
- b) Isso é verdade e eu acho que deveria ser assim.
- c) Isso não é verdade, e eu não acho que deveria ser assim.
- d) Isso não é verdade, mas acho que deveria ser assim.

14. No Brasil, a ginástica foi e ainda é um esporte praticado predominantemente pelas mulheres, por ser uma modalidade que enaltece a beleza dos movimentos.

- a) Isso é verdade, mas não acho que deveria ser assim.
- b) Isso é verdade e eu acho que deveria ser assim.
- c) Isso não é verdade, e eu não acho que deveria ser assim.
- d) Isso não é verdade, mas acho que deveria ser assim.

Para finalizar:

15. A GAM, no Brasil, se encontra em um nível mais elevado que a feminina, visto a queda de rendimento e falta de renovação no último ciclo olímpico

(2009 - 2012). Além disso, a GAM tem semelhanças com modalidades que são consideradas socialmente como masculinas, tais como a força, coragem, disciplina. Porque você acha que ainda assim a ginástica feminina tem mais adeptos no país?

Obrigado pela colaboração! Bons treinos e sucesso!

Walmy.

APENDICE B - ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL

ROTEIRO DE GRUPO FOCAL PARA COLETA DE DADOS DOS ATLETAS DE GAM: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.

Aluno: Walmy Pereira da Silva Junior - **Orientadora:** Talita Garcia.

Faculdade Católica Salesiana de Vitória

1. Como você conheceu a ginástica? Porque começou a praticar (motivações pessoais)?
2. O que te motivou a começar a treinar mais forte para se tornar um atleta de alto rendimento?
3. - "Não se deve privar nenhuma atividade física para sexo específico, pois isso impede o corpo de experimentar novas práticas e vivenciar sensações diferentes a partir de modalidades esportivas que são diferenciadas e trabalham com o corpo de forma única." Essa frase diz respeito a diversas atividades físicas que socialmente são designadas mais para um sexo específico, você concorda com esse ponto de vista?
4. A Ginástica Rítmica é uma modalidade oficialmente praticada somente por mulheres. Você acha que devia ser masculina também? Uma vez que já existem diversos homens praticando pelo mundo todo.
5. Qual seu aparelho favorito e qual o menos favorito?
6. Existe algum aparelho feminino que você gostaria de treinar/competir?
7. Gostaria de fazer série de solo com uso de música?
8. Diante das questões até aqui, você acha que a ginástica ainda é um esporte muito tradicional? No ponto de vista que mantém as principais características do meio do século passado?
9. O que você gostaria que fosse diferente na ginástica masculina?
10. Você acha que é possível minimizar o preconceito social existente com a GAM? De que forma?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário de uma pesquisa cujo tema é “A Imagem Social dos atletas de Ginástica Artística Masculina: Um estudo a partir da visão deles”. Sua colaboração é de fundamental importância para realização da pesquisa. Cabe destacar que não se trata de uma participação obrigatória e não acarretará custos. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A pesquisa a ser realizada pelo aluno do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Esta tem como objetivo compreender e analisar a visão dos atletas de ginástica artística masculina sobre a sua imagem social. Exemplificando, a percepção que eles têm da sociedade sobre eles. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário padronizado e uma entrevista de grupo focal.

Não existem eventuais riscos ou benefícios diretos à sua pessoa relacionada à participação nesta pesquisa. As informações obtidas serão confidenciais, assegurando o sigilo absoluto. Os dados obtidos serão divulgados de forma que não possibilite sua identificação.

A pesquisa será convertida em um relatório de pesquisa, onde não constará o nome dos sujeitos colaboradores da pesquisa, preservando seu anonimato e poderá ser posteriormente publicada em forma de artigo científico, bem como apresentada em congressos e similares.

Informações sobre a pesquisa

Título do projeto: A Imagem Social dos atletas de Ginástica Artística Masculina: Um estudo a partir da visão deles

Pesquisador Responsável: Talita Cristina Garcia

Aluno: Walmy Pereira da Silva Junior

Telefone para contato: (27) 3331-8500

Email para contato: tgarcia@catolica-es.edu.br ; walmy_jr@live.com

Pesquisador Responsável

Estudante

Consentimento do Participante

Eu, _____,
declaro que recebi e compreendi por completo as informações por escrito que constam neste documento e as explicações que me foram fornecidas. Fui informado que sou livre para escolher concordar em participar ou me recusar. Declaro estar ciente e esclarecido da pesquisa, seus objetivos, metodologia, riscos/benefícios, garantia de sigilo e liberdade para desistir de participar e colaborar com a pesquisa em qualquer etapa da mesma sem danos para a minha pessoa. Nestes termos, concordo em participar deste estudo.

Assinatura do Participante

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O CLUBE
FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

Gostaríamos de solicitar a participar os atletas de GAM do clube a participarem como voluntário de uma pesquisa cujo tema é “A Imagem Social dos atletas de Ginástica Artística Masculina: Um estudo a partir da visão deles”. Sua colaboração é de fundamental importância para realização da pesquisa.

A pesquisa a ser realizada pelo aluno Walmy Pereira da Silva Junior, Nº de Matrícula 6913102307, aluno do 7º Período do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo. Esta tem como objetivo compreender e analisar a visão dos atletas de ginástica artística masculina sobre a sua imagem social. Exemplificando, a percepção que eles têm da sociedade sobre eles. A participação dos ginastas será para que respondam um questionário padronizado e uma entrevista de grupo focal.

Não existem eventuais riscos ou benefícios diretos aos envolvidos relacionada à participação nesta pesquisa. As informações obtidas serão confidenciais, assegurando o sigilo absoluto. Os dados obtidos serão divulgados de forma que não possibilite a identificação do clube nem dos atletas. A pesquisa será convertida em um relatório de pesquisa, onde não constará o nome dos sujeitos colaboradores da pesquisa, preservando o anonimato e poderá ser posteriormente publicada em forma de artigo científico, bem como apresentada em congressos e similares.

Informações sobre a pesquisa

Título do projeto: A Imagem Social dos atletas de Ginástica Artística Masculina: Um estudo a partir da visão deles

Pesquisador Responsável: Talita Cristina Garcia

Aluno: Walmy Pereira da Silva Junior

Telefone para contato: (27) 3331-8500

Email para contato: tgarcia@catolica-es.edu.br ; walmy_jr@live.com